EDITORIAL

Já o Editorial para este número da Revista "Santa Casa" estava escrito quando foi resolvido que a publicação deste seria adiada de um mês a fim de nele poder constar o ato da inauguração do Centro de Memórias da Misericórdia de Vila do Conde. Porque julgo que este evento merece uma reflexão especial, decidi escrever um novo Editorial abordando o tema que ele sugere. O Editorial já escrito, que trata de um tema que não perde atualidade com o tempo, sairá no próximo número.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde foi acumulando ao longo dos cinco séculos da sua existência um património artístico e documental que seria uma atitude imperdoável continuar a mantê-lo em espaços não adequados à sua preservação. Se nada fosse feito, a sua lenta deterioração poderia originar um dia um "auto-de-fé" por deixar de ter condições físicas para existência útil. Era, portanto, necessário criar um espaço adequado a fim de que esse património pudesse continuar a ser a fonte alimentadora da história da Instituição, a sua memória.

Não foi considerada, porém, a primeira prioridade da Santa Casa porque, antes que tudo, estavam as pessoas, "as pedras vivas", e as suas necessidades básicas. E o "edifício" social foi surgindo: O Lar da Terceira Idade para os idosos sem condições familiares adequadas ao seu bem-estar; a Casa da Criança para as crianças em risco; o Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha; o Centro Social em Macieira e o Centro de Reabilitação de Deficientes Dr. Jorge da Azevedo Maia em Fajozes para estender às aldeias os benefícios sociais; os diversos serviços na área da saúde para preencher lacunas do Serviço Nacional de Saúde e contribuir para a sustentabilidade dos serviços sociais. Foi assim que os órgãos sociais da Misericórdia de Vila do Conde interpretaram a sua missão: continuar a fazer história, inventariando as necessidades dos homens e dando-lhes as respostas adequadas. Os apelos reiterados ao Provedor do Dr. Firmino Couto, irmão da Santa Casa que voluntariamente se encarregou de organizar o Arquivo documental, para se criarem outras instalações ou melhorar as existentes na Casa do Despacho não caíram em saco roto, mas tiveram que aguardar momento oportuno.

Esse momento chegou agora, mas foi sendo preparado ao longo dos anos. Em primeiro lugar, garantindo o espaço onde instalar esse património pela compra de um edifício no coração da cidade; segundo, encomendando um projeto arquitetónico ao Arquiteto Carlos Barbosa que transformou um velho edifício num amplo espaço aberto, horizontal e verticalmente, de modo a permitir ao visitante, quando entra, uma visão de conjunto; terceiro, preenchendo esse espaço com valioso património artístico disposto em áreas temáticas que permitem uma visão diacrónica da história da Instituição.

(continuação na página 3)

Sumário

1 - Editorial
- Dr. António Amorim

4 - Provedor agraciado com medalha de Honra
- Dr. António Amorim

6 - Inauguração do CIMMVC
- Dr. António Amorim

9 - Mudança das Instalações do SAAS - RLIS
- Dr.ª Cátia Pires Ferreira

10 - Relatório de Atividades 2017
- Dr. António Amorim

14 - Misericórdia assina acordo Programa *Incorpora* de *"la caixa"*
- Dr.ª Cândida Carneiro

15 - Procissão do Senhor dos Passos
- Dr.ª Lara Santos

16 - Via Sacra "Despertar Esperança" na Semana Santa em Braga
- Cónego Luís Miguel Figueiredo

17 - Procissão do Enterro do Senhor
- Prior Pe. Dr. Paulo César Dias

18 - Procissão de Velas de Fajozes
- Dr.ª Cátia Oliveira

19 - Concerto de Reis na Igreja da Misericórdia
- Prof. Jorge Casimiro

20 - Maus-tratos na Infância
- Dr.ª Diana Santos

21 - QUALIDADE, HIGIENE E SEGURANÇA
- Cozinha nova Lar de Terceira Idade + Capacidade + Segurança Alimentar
- Transição para o referencial Equass Assurance 2018
- Dr.ª Odete Cunha

23 - Entidade formadora certificada pela DGERT
- Dr.ª Cândida Carneiro

24 - ENQUADRAMENTO LEGAL
- Atendimento Prioritário
- Dr. Tiago Cardoso
- **O novo paradigma na proteção dos dados pessoais**
- Dr. Miguel Maia

26 - Rastreio Pré-Natal
- Dr. Ricardo Silva, Dr. Luís Branco

28 - DESPORTO
- Cooperativa Agrícola vence 17º Torneio Entidades de Vila do Conde
- Dr.ª Lara Santos
- Utentes da SCMVC representam Portugal nos 1ºs Jogos Europeus de Verão INAS 2018 em Paris
- Dr.ª Cátia Oliveira
- Dia da Misericórdia Assinalado pela 13ª Milha
- Dr.ª Lara Santos
- SCMVC na fase final do Campeonato Nacional de Futsal
- Prof. Pedro Silva

32 - Testemunho do Parceiro ANDDI
- Prof. Eng. José Costa Pereira

33 - DO ARQUIVO
- Capela de Simão Afonso de Faria - 2ª Parte
- Dr.ª Liliana Aires

42 - A FORÇA DO MAR - uma leitura de *OS PESCADORES*
- Dr.ª Maria da Conceição Nogueira

52 - ATIVIDADES DOS EQUIPAMENTOS SOCIAIS
- Lar de Terceira Idade
- Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha
- Casa da Criança
- Centro Social em Macieira
- Centro Rainha Dona Leonor
- Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia

REVISTA SEMESTRAL

ANO XXIV - Nº 47

JULHO/2018

Capa:

Escultor SOUSA PEREIRA

Propriedade:
SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA DO CONDE

Diretor:
ANTÓNIO AUGUSTO GOMES AMORIM

Direção e Administração:
Rua Rainha Dona Leonor, 123
4480-247 VILA DO CONDE

Execução gráfica:
NORPRINT
A Casa do Livro

Tiragem : 1000 exemplares

EDITORIAL

(continuação da página 1)

Desta maneira, os corpos sociais da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde souberam dar as respostas sociais às necessidades do presente e, ao mesmo tempo, conservar a memória do passado. Presente e passado coexistem numa linha de continuidade que aponta para o futuro com novas iniciativas que estão já projetadas.

Esperamos agora que esta nova unidade seja devidamente divulgada e tenha um dinamismo permanente a fim de atrair visitantes em número que justifique o esforço financeiro que a Santa Casa acaba de fazer.

António Amorim

Provedor agraciado com Medalha de Honra

Momento de entrega da Medalha de Honra Municipal ao Sr. Provedor pela Sr.ª Presidente da Câmara Municipal

Por deliberação da Câmara Municipal de Vila do Conde a 7 de Junho de 2018, foram agraciados com medalhas de Honra e de Mérito as pessoas e instituições vila-condenses que mais se têm distinguido no exercício das suas atividades e cargos para que foram nomeados ou eleitos. Foram elas em número de 21, sendo duas a título póstumo.

Na área social, foi atribuída a Medalha de Honra do Município ao Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, Eng. Arlindo de Azevedo Maia.

No dia 24 de Junho de 2018, em cerimónia pública e solene, realizada no Teatro Municipal e à qual assistiram numerosos vila-condenses, os agraciados receberam as respetivas medalhas. À medida que elas iam sendo entregues pela Presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde, Dr.ª Elisa Ferraz, ia também sendo dada a justificação da sua atribuição.

Relativamente ao Provedor desta Instituição a justificação apresentada foi a seguinte: «*O Eng. Arlindo de Azevedo Maia é uma personalidade altamente prestigiada, com um percurso de vida marcante, e que, à frente dos destinos da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, desenvolveu, e continua a desenvolver, um trabalho extraordinário que o coloca num altíssimo e merecido destaque e a Instituição como uma referência incontornável no todo nacional. Já lhe foram prestados variados e importantes reconhecimentos públicos e é, sem qualquer tipo de dúvida, uma das mais ilustres personalidades portuguesas no âmbito da Ação Social.*»

No fim desta cerimónia, cada um dos homenageados presentes agradeceu o galardão atribuído.

O Eng. Arlindo Maia, além de agradecer, numa atitude generosa, estendeu também os méritos que lhe eram atribuídos a todos aqueles, familiares e colaboradores, que de algum modo com ele privaram e continuam a privar. Foram estas as palavras por ele proferidas:

«Invade-me, neste momento, um sentimento de elevada honra pela distinção que hoje me foi atribuída pelo Município de Vila do Conde e de gratidão por tudo o que me foi concedido viver e fazer.

A minha identidade e o meu percurso pessoal receberam, desde sempre e até ao momento presente, o cunho e a marca de todos aqueles com quem me relacionei ao longo da minha vida: família, amigos, colegas e, num passado mais recente, os utentes, benfeitores, órgãos sociais e colaboradores da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde com quem, neste momento, partilho esta distinção.

Esta partilha estende-se por mérito, à minha mulher, companheira de uma vida. Partilho-a, igualmente, com os meus filhos, noras, netos e bisnetos, reconhecendo o estímulo do seu apoio e encorajamento, na cumplicidade dos bons momentos e no conforto nas decisões mais delicadas.

Neste momento tão feliz estendo este reconhecimento a todos aqueles que já partiram e que também contribuíram para que eu hoje receba esta distinção: meus avós, meus pais e meu irmão. E também aos funcionários do Estado com quem convivi por dever da minha atividade profissional.

Evoco, igualmente, todos os profissionais com quem me relacionei: trabalhadores das Minas da Ribeira, em Bragança, empreiteiros na área da Construção Civil e Obras Públicas, colaboradores/parceiros na área da Promoção Imobiliária, estimados amigos que comigo desenvolveram esforços na área do associativismo e, em particular, na área do apoio social e da saúde da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde.

Interpreto este reconhecimento como um estímulo à continuidade do trabalho desenvolvido em prol de todos os que recorrem aos serviços sociais e aos serviços de saúde da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, prestando-lhes a assistência de que necessitam, num profundo respeito pela sua individualidade e fragilidade.

Desejo que este reconhecimento incentive os jovens, em particular os meus descendentes, os profissionais da Santa Casa e todos os vila-condenses, a aceitarem o desafio lançado por D. Leonor, assumindo um papel ativo na sociedade, interiorizando que a Misericórdia acontece sempre e quando nos damos aos outros, genuína e incondicionalmente».

António Amorim

Homenageados no dia de S. João com Medalhas de Mérito do Município e Sr. Provedor Eng. Arlindo Maia com Medalha de Honra de Vila do Conde

Inauguração do Centro Intepretativo de Memórias da Misericórdia de Vila do Conde (CIMMVC)

Sessão Solene: Provedor no uso da palavra

Uma das preocupações que, desde há muito, está presente no espírito das Mesas Administrativas da Misericórdia de Vila do Conde presididas pelo Eng. Arlindo Maia tem sido a de preservar o património artístico e o acervo documental da Instituição. Havendo outras prioridades mais urgentes relacionadas com as necessidades das pessoas, a criação de um espaço onde eles fossem instalados em boas condições de conservação e com a possibilidade de a comunidade e o público em geral a eles terem acesso para deles terem conhecimento, teve de esperar. Chegou agora a hora de concretização deste sonho dos Órgãos Sociais da Instituição.

No passado dia 13 de Julho, foi finalmente inaugurado numa cerimónia solene a que estiveram presentes personalidades importantes como Sua Excelência Reverendíssima D. Jorge Ortiga, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, Dr.ª Elisa Ferraz, Presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde, Dr. Manuel de Lemos, Presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Dr.ª Olívia Ferreira, Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, e muitas outras individualidades a título pessoal ou representando instituições públicas e associações privadas. Além destas individualidades, a Igreja da Misericórdia, onde se realizou esta cerimónia, encheu-se de outras pessoas que não quiseram deixar de, com a sua presença, dar testemunho do seu apoio à Instituição e do apreço que ela lhes merece pela ação desenvolvida ao longo dos últimos 30 anos.

Durante a cerimónia, usaram da palavra várias destas personalidades. Em primeiro lugar o Provedor, Eng. Arlindo Maia que começou por evocar a tradição histórica da Instituição da prática das 14 Obras da Misericórdia. Prestou, de seguida, a sua homenagem aos beneméritos que contribuíram para que a Misericórdia pudesse honrar o seu Compromisso.

Justificou então a criação da obra que se inaugurava: «*A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde possui um significativo património fundiário e um vasto e rico espólio. É necessário perpetuar este legado. E só o conseguiremos fazer, preservando-o. A constatação desta necessidade de preservar toda esta riqueza histórica, todo este património material e imaterial, construído ao longo de mais de cinco séculos, dita a criação do CIMM – Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia de Vila do Conde. Instalado numa belíssima moradia do início do século XX, totalmente reabilitada e ampliada, mantendo a riqueza original das suas fachadas, o CIMM é um espaço que se destina a acolher, preservar e divulgar o acervo documental e o espólio da Instituição.*»

Fez, de seguida, uma referência à tecnologia instalada no CIMMVC, e não terminou a sua intervenção sem fazer o seu apelo aos agentes de turismo e aos diretores dos estabelecimentos dos vários níveis de ensino e à população em geral a que promovam o novo centro.

Finalmente dirigiu «*palavras de reconhecido agradecimento*» ao Estado Português, nomeadamente à Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, aos beneméritos e benfeitores, ao Programa Operacional Regional do Norte, ON2, à Câmara Municipal de Vila do Conde, ao Dr. Firmino Couto, ao Arquiteto Carlos Barbosa, à empresa Corte Reto, à Signinum e Santana, à D. Elisa Novais e aos Órgãos Sociais, aos Irmãos, aos colaboradores e aos profissionais da Santa Casa.

Usou da palavra, em seguida, o Dr. Manuel Lemos, Presidente da União das Misericórdias Portuguesas. Do que disse destacámos o seguinte: a sua referência à interação que, ao longo dos séculos, a SCMVC tem tido com a comunidade vila-condense; a circunstância de a inauguração do CIMMVC acontecer precisamente no ano 2018 que é o Ano Europeu do Património; ao processo em curso de requalificação do património das 399 misericórdias portuguesas e ao projeto de se conseguir «*encontrar uma plataforma informática para fazer um grande museu das misericórdias onde se inseririam, num primeiro momento aquelas misericórdias que já têm um trabalho como, a partir de hoje, SCMVC vai ter*»; e finalmente a notícia que lhe fora dada esta semana pelo Ministro da Solidariedade, Dr. Vieira da Silva, de que a SCMVC é a instituição que mais acordos tem com o Estado na área da segurança social.

A Dr.ª Elisa Ferraz, Presidente da Câmara Municipal de Vila do Conde, disse não ter ficado muito admirada por a SCMVC ser a Instituição que mais acordos tem com o Estado porque são muitas e variadas as valências sociais em que ela opera superando o que se faz em outros concelhos do País. E salientou a "Casa das Rosas" e a "Casa da Criança" por serem unidades sociais pouco comuns. Referiu-se depois ao mérito do Eng. Arlindo Maia e dos seus colaboradores na obra que a SCMVC tem construído nas últimas décadas e, relativamente ao CIMMVC, disse ser «*um equipamento onde existe memória física, onde existe todo um histórico de património que foi doado à Santa Casa e que agora quer que seja possível que todos os vila-condenses o apreciem; que esta memória se possa fazer através das tecnologias que temos hoje em dia*». *E terminou dizendo: «Eu já li o programa que se vai desenvolver neste espaço, as novas tecnologias vão ser muito importantes para dar conta do que tem sido esta dinâmica da Santa Casa aqui em Vila do Conde, portanto, é um dia de festa para Vila do Conde, um momento em que vamos perpetuar a memória da Instituição e, enquanto Presidente da Câmara, quero agradecer a todos…. Há pessoas que fazem grandes obras e há outras que, no dia a dia, com obras muito pequenas contribuem para este princípio de ajuda, de atenção aos outros e cada um de nós com tranquilidade, com generosidade, em cada gesto podemos estar a construir este princípio a que alguns naturalmente dão maior dimensão, mas para o qual todos somos chamados*».

Convidado a usar da palavra, D. Jorge Ortiga, Arcebispo de Braga, começou por manifestar o seu prazer em participar na inauguração do CIMMVC e a sua congratulação com esta iniciativa por ela poder revestir-se de grande significado. Citando KierKegaard disse: «*A vida compreende-se olhando para trás, mas vive-se olhando para o futuro*». E desenvolveu esta ideia do filósofo da seguinte maneira: «*Na verdade, eu penso que a nossa vida só a conseguiremos compreender quando nos alicerçamos nas nossas raízes, na nossa história e no nosso passado. É difícil*

compreendê-la quando cortamos essas mesmas raízes e nos alheamos das raízes que são as nossas próprias raízes que nos poderão efetivamente dar o prazer de viver em cada momento que passa. Mas alicerçar no passado, olhando para trás, nós temos de saber que a vida vive-se projetando o futuro, olhando para o futuro, para aquilo que temos diante de nós. Penso que um centro interpretativo como este, como um museu, tem este sentido e tem este significado, tem mesmo esta finalidade. Por um lado, obriga-nos a pensar e a olhar para aquilo que esta instituição foi ao longo destes séculos de vida que já tem, mas, olhando para isto nós somos interpelados para muito mais».

Referiu-se, em seguida, ao papel pedagógico que este Centro Interpretativo pode ter disse ainda: *«Por isso, eu congratulo-me com a iniciativa no sentido de poder mostrar e de poder ver o que foi a história tão longa da SCMVC, mas também peço efetivamente a todos quantos a visitam que sejam capazes de respirar este apelo para trabalharmos por uma sociedade onde não existam todas estas desigualdades, tantos problemas e tantas necessidades, onde a exclusão ainda acontece, tantos outros problemas onde a caridade não é vivida e onde a misericórdia ainda não encarnou, seja capaz de encarnar pelas nossas iniciativas, pela nossa vontade e, sobretudo, pela nossa presença».*

E terminaria a sessão solene com as palavras de D. Jorge Ortiga, se o Provedor, Eng. Arlindo Maia, não achasse que algo ficara por dizer: a antecipação das misericórdias às iniciativas do Estado. Para melhor esclarecimento aqui se reproduz o que de essencial disseram a tal respeito o Provedor e o Presidente da UMP.

Eng. Arlindo Maia: *«Nós não dizemos a ninguém que não. Quando se trata de qualquer benefício para a comunidade, nós estamos na linha da frente, nós somos os primeiros a dizer sim. Ainda não sabemos bem do que se vai tratar, mas vamos estar lá…. Mas agora aproveito outra oportunidade, permitam-me e permita-me, Sr. Presidente da UMP, este desafio coletivo: a Misericórdia de Vila do Conde anda há 10 anos a procurar fazer uma unidade que dê resposta a pessoas com demência, um flagelo da Humanidade. Quando ouvi falar na eutanásia, disse: Por que é que há eutanásia e não se trata antes das pessoas, isto é, não se dão às pessoas condições de dignidade para elas viverem? Vamos gastar fortunas enormes a ajudar as pessoas a morrer; não digo matar porque não é bem o termo. Isto é um desafio que eu faço ao Sr. Presidente da UMP: que ele leve esta mensagem ao Estado. A SCMVC tem terreno e tudo mais preparado para avançar com uma unidade dessas, há muitos anos».*

Dr. Manuel de Lemos: *«Nós já temos feito sentir ao Estado Português – não é aos governos, estes são transitórios – a necessidade de olhar com atenção para a questão da demência e quanto nos preocupa, nomeadamente no caso das demências mais conhecidas como a doença de Alzheimer, e tenho dito sempre: todos os Portugueses têm uma história triste para contar. Também já agora, Sr. Provedor, sabe que a própria UMP, para dar o exemplo, construiu e integrou na Rede Nacional de Cuidados Continuados a primeira e única unidade, até ao momento, construída de raiz que é a "Unidade Papa Bento XVI, em Fátima. Ela tem precisamente como objetivo forçar o Estado a olhar para o problema da demência. É um problema muito grave e, por isso, a União também desenvolveu um programa com um grupo de misericórdias – estão aqui misericórdias que colaboraram connosco com verbas comunitárias, chamado "Programa Vida" com o objetivo de tentar perceber que hoje temos nos nossos braços muita gente com demência e que devia estar em equipamentos com competências. O que eu quero dizer é que, mais uma vez, este pedido do Sr. Provedor reforça a minha vontade e a minha resiliência nesta matéria».*

E foi com estas palavras de esperança de novas respostas sociais das misericórdias portuguesas às necessidades emergentes que terminou a sessão solene da inauguração do CIMMVC.

Após a entrega de algumas lembranças comemorativas desta inauguração a certas individualidades presentes, das quais destacamos a "Medalha de Ouro Comemorativa do CIMMVC", as pessoas dirigiram-se para o edifício em frente da Igreja da Misericórdia onde está instalado o Centro Interpretativo da Misericórdia. Aí, procedeu à sua bênção D. Jorge Ortiga, Arcebispo de Braga, seguindo-se uma visita guiada por funcionárias competentes da Misericórdia que proporcionou aos presentes um melhor conhecimento desta nova unidade.

António Amorim

Aspeto da visita guiada ao CIMMVC

Mudança de instalações do SAAS - RLIS

No dia 13 de Julho de 2018, o Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social da Rede Local de Intervenção Social (SAAS – RLIS) da Misericórdia de Vila do Conde abriu portas nas novas instalações na Rua Dr. António de Andrade, nº94 – 4480-806 Vila do Conde.

Funcionando desde 19 de Setembro de 2016 em instalações provisórias, este serviço irá agora disponibilizar aos seus utentes acesso a instalações mais amplas, confortáveis e devidamente adequadas ao serviço prestado.

Nas novas instalações, os objetivos deste Serviço irão manter-se inalterados, com todas as Técnicas a executarem, com o máximo de rigor, o trabalho que desenvolve, em prol de todos aqueles que nos procuram.

Cátia Pires Ferreira
Coordenadora do SAAS - RLIS

Edifício recuperado onde agora funciona o SAAS - RLIS

Relatório de Atividades 2017

De acordo com o Compromisso da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, em Março último, foi reunida a Assembleia de Irmãos a fim de analisar, discutir e aprovar o Relatório de Atividades e a Conta de Gerência relativamente ao ano de 2017.

O Provedor da Mesa Administrativa, Eng. Arlindo Maia, na sua mensagem, salientou que o objetivo principal, durante o referido ano, foi o de fazer crescer a Instituição com uma gestão rigorosa de modo a satisfazer as necessidades da comunidade que apresenta situações de pobreza e exclusão social. E salientou o esforço desenvolvido pela Instituição durante o ano 2017 no Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS), no Programa de Emergência Alimentar (PEA) e no Programa Operacional de Apoio às Pessoas Mais Carenciadas (POAPMC).

Seguindo a metodologia do documento em análise, segue-se o que de mais relevante foi feito, durante o ano 2017, em cada um dos serviços e centros em funcionamento ou em fase de construção.

1 – Culto Católico

Como instituição de erecção católica, promoveu, em 2017, inúmeras atividades de culto católico, desde celebrações eucarísticas à administração de Sacramentos aos seus utentes e à celebração das festas litúrgicas do Natal e da Páscoa.

No Dia Internacional dos Museus, a Igreja da Misericórdia esteve aberta ao público, durante todo o dia, tendo sido oferecida aos visitantes uma brochura com fotografias e um resumo da sua história.

Foi ainda promovida uma exposição de Arte Sacra instalada numa das salas da Casa do Despacho, organizada pela irmã da Instituição, Dr.ª Maria do Céu Maia.

Com a colaboração de irmãos, utentes, profissionais e amigos da Misericórdia, a Santa Casa tomou a seu cargo a confeção dos tapetes, no espaço fronteiro à sua Igreja, em dia da festa do Corpo de Deus. Inserida ainda nesta festividade, foi organizada uma exposição de fotografias cujo título «Memórias do Corpo de Deus» denuncia o tema tratado.

2 – Centro Interpretativo de Memórias da Misericórdia de Vila do Conde (CIMMVC)

Durante o ano 2017, foram concluídos os trabalhos referentes ao CIMMVC, estando, portanto, em condições de poder ser inaugurado. Trata-se de uma unidade museológica que pretende proporcionar uma leitura diacrónica da Instituição e dinamização de atividades culturais. Dela fazem parte o património artístico que foi adquirido ao longo do tempo e o riquíssimo Arquivo Histórico que foi preservado e se encontra em muito bom estado de conservação.

O CIMMVC «*está localizado no gaveto da rua Dr. António Andrade com a Avenida Dr. Artur da Cunha Araújo, em frente ao Lar de Terceira Idade, no centro da cidade de Vila do Conde e desenvolve-se em 4 pisos com uma área de construção de aproximadamente 1100m2. No Piso 0, onde se localiza a entrada principal, pela rua Dr. António de Andrade, está implementada a receção, o Arquivo Histórico e um pequeno auditório polivalente onde serão patentes as exposições temporárias. O Piso 1 e o Piso 2 destinam-se à exposição permanente: no primeiro, serão representadas as 14 Obras de Misericórdia, através da composição de 14 cenários descritivos das mesmas; no segundo, será exposta, através de espólio artístico e documental, a história da Misericórdia de Vila do Conde nos seus 500 anos de existência. O Piso 3 é dedicado à iconografia da Morte de Cristo. Em todos estes pisos o visitante terá contacto com quiosques multimédia e ecrãs com conteúdo complementar às exposições*».

3 – Lar de Terceira Idade

Pela leitura do Relatório de Atividades, se conclui que o Lar de Terceira Idade teve uma ocupação plena da sua capacidade no ano 2017 em todas as respostas sociais. Concretizemos:

Lar de Idosos (LI) – 104 utentes
Lar de Grandes Dependentes (LGD) – 53 utentes
Centro de Dia (CD) – 41 utentes
Serviço de Apoio Domiciliário (SAD) – 60 utentes

Os dados recolhidos neste Relatório permitem-nos concluir que os utentes de todos os setores deste Centro são, na sua maioria, do sexo feminino e em estado de dependência ou grande dependência, revelando uma tendência para o aumento da demência.

4 – Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência (CARPD)

Segundo o documento em análise, relativamente a este Centro, «*o aumento da qualidade de vida dos utentes foi o motor impulsionador da equipa para a dinamização da gestão das atividades do Centro, sendo reunidas um conjunto de estratégicas para a concretização dos objetivos propostos*».

Durante o ano 2017, o CARPD acolheu na resposta social de Lar Residencial 97 utentes o que corresponde à sua capacidade máxima; o Centro de Atividades Ocupacionais registou a frequência de 115 utentes, sendo a sua capacidade de 120; e o Serviço de Apoio Domiciliário, que tem capacidade para 30 utentes, prestou serviços a 20 utentes.

À semelhança do que tem acontecido em anos anteriores, o Centro apostou na promoção de atividades recreativas e culturais como «*ferramenta indispensável na aprendizagem, desenvolvimento e aquisição de condições de bem-estar e qualidade de vida dos utentes*». Para o ano de 2017 existia um plano de 144 dessas atividades, realizaram-se apenas 122, mas realizaram-se mais 49 que não estavam previstas, isto é, realizaram-se 171, mais do que o previsto. Destas 171 atividades, 91 são de natureza sociocultural, 63 de natureza desportiva e 17 da área formativa/*empowerment* para os utentes.

De salientar também neste Centro os Projetos de Desenvolvimento e Inovação que foram realizados:

1 – Projeto «Colorir Sorrisos» que visa encontrar um significativo para todos os utentes sem retaguarda familiar. «*Dos 97 utentes de Lar Residencial, cerca de 28 não têm contacto regular com os seus familiares…. Alguns deles nunca receberam uma visita, outros são visitados de dois em dois anos, outros anualmente….*»

2- O Projeto «Rádio Toguilândia» é um projeto com origem na «*paixão*» que a generalidade dos utentes tem pela rádio e pela música. É «*um projeto com grande impacto na dinâmica do Centro, na vida dos utentes e na sua autoestima*».

3 – O Projeto «*CARPD Digital*» tem como objetivo a colocação de LCD`s nos quartos dos utentes. Com a realização da Feira Medieval se obtiveram os meios pecuniários necessários para a aquisição dos LCD`s e falta apenas concluir a pintura dos quartos para que este projeto se concretize.

É de realçar também a montagem da Sala de Informática adaptada com o produto da venda do livro a que esta revista, em números anteriores, se tem referido «*Meu Sonho na Tua Mão*».

5 – Centro Social em Macieira

De cooperação com a Segurança social, o Centro Social em Macieira, durante o ano 2017, manteve em funcionamento as seguintes unidades:

1 – Na área da Infância – Creche, com 35 utentes, Jardim-de-Infância, com 64 utentes e Centro de Atividades de Tempos Livres, com 55 utentes.

2 – Na área da Terceira Idade – Serviço de Apoio Domiciliário, com 15 utentes.

O Centro Social em Macieira desenvolveu, ao longo do ano 2017, um conjunto de ati-

vidades que contribuíram para a divulgação da Instituição na comunidade «*dando a conhecer o nosso papel na sociedade, pelo que somos e o que podemos proporcionar*».

Articuladas com o Projeto Educativo, realizaram-se as seguintes atividades: Dia do Animal, Natureza uma amiga a preservar (RECICLART), Dia Mundial da Saúde, Dia Mundial do Ambiente, festas de Natal e de final do ano letivo, Mercadinho da Primavera e Dia Mundial da Criança. Em todas estas atividades participaram os utentes e respetivas famílias.

6 – Casa da Criança

Durante o ano letivo 2016/2017, a Casa da Criança deu resposta a 195 crianças não alojadas: 43 na creche, 59 no Jardim-de Infância e 92 no Centro de Atividades e Tempos Livres. E em regime das Casas de Acolhimento: dos 0-6 anos, 12 utentes, dos 7/12 anos, 14 utentes e dos 13-18 anos, 21 utentes.

Serviços prestados:

1 – Creche, Jardim-de-Infância e CATL – Atividades socioculturais, de exterior, na comunidade, pedagógicas e lúdicas, de animação socioeducativa, extracurriculares, de Educação Física, cuidados de higiene pessoal, acompanhamento do Serviço de Alimentação pela Nutricionista, abertura do Centro no mês de agosto, transporte, apoio ao estudo e Psicologia/Serviço Social.

2 – Casas de Acolhimento – Alimentação, cuidados pessoais de higiene, médico interno, visitas dos familiares, apoio ao estudo, transporte, atividades socioculturais, lúdicas e desporivas, atividades de envolvimento na comunidade, Psicologia, Serviço Social e Educação Social.

7 – Centro Rainha Dona Leonor

Durante o ano 2017, o Centro Rainha Dona Leonor acolheu 78 utentes, sendo 51 residentes permanentes e 27 residentes temporários, passando alguns destes últimos a residentes permanentes. A distribuição dos residentes permanentes segundo a sua faixa etária é a seguinte: 6 dos 65 aos 75 anos, 22 dos 76 aos 85 anos, 17 dos 86 aos 95 anos e 6 dos 96 aos 100 anos.

Este Centro continua a dar resposta «*a quem necessita de um local para viver com qualidade, como também àqueles que necessitam de um local de férias ou de recuperação ao nível da saúde, respondendo assim, em tempo útil aos cuidadores informais que tantas vezes nos procuram no sentido de alívio imediato e temporário da sua sobrecarga*».

8 – Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia

Possui este Centro duas respostas sociais com protocolo com a Segurança Social: Lar Residencial – 22 utentes e Centro de Atividades Ocupacionais – 27 utentes.

Durante o ano 2017, foram prestados aos utentes os seguintes serviços: atividades ocupacionais, educação física, desporto, desporto de competição, terapia ocupacional, snoezelen, CAO socialmente útil (trabalhos em EVA e em crochet, estufas, stacks e artes decorativas), atividades de envolvimento da comunidade (catequese, missa, coro), cuidados de higiene e imagem, médico e enfermeiro internos, alimentação, transporte, acompanhamento psicossocial e avaliação de capacidades.

9 – Empresa de Inserção – Quinta Galante

Esta empresa de Inserção Agrícola tem atualmente cerca de 120.000 m2 de terreno de lavradio e pinhal, dos quais 4100 m2 são área de estufas. Em 2017, o trabalho agrícola foi desenvolvido por 5 colaboradores, tendo sido admitido um novo profissional com formação em agronomia. Os alimentos produzidos foram utilizados na confeção das refeições servidas aos utentes dos diversos equipamentos da Santa Casa.

10 – Casa das Rosas

O Centro de Alojamento e Emergência Social (CAES) teve, no ano 2017, o seguinte movimento: foram abertos 48 processos, dos quais 13 foram sinalizados pela Segurança Social (Alojamento Temporário) e 35 pela Linha de Emergência Social (LNES), transitando 21 destes últimos para Alojamento Temporário.

Também, no ano 2017, deparou a Casa das Rosas com uma nova realidade: foram abertos 10 processos a uma população de refugiados das seguintes proveniências: República do Congo, Afeganistão, Etiópia, Nigéria e Zimbabué.

11 – Rendimento Social de Inserção

Durante o ano 2017, foram abertos 287 processos abrangendo 607 beneficiários a fim de «*assegurar aos cidadãos e aos seus agregados familiares recursos que contribuam para a satisfação das suas necessidades mínimas e para o favorecimento de uma progressiva inserção social, laboral e comunitária*». A maioria das pessoas abrangidas nestes processos reside na sede do Concelho (193 processos), seguindo-se em número de casos as freguesias de Árvore e de Azurara.

12 – Programa de Emergência Alimentar

Durante o ano 2017, forneceu a Santa Casa 75101 refeições, assim distribuídas pelos dois protocolos de Cooperação: Protocolo "Sede" – 37017 refeições; Protocolo "Casa das Rosas" – 38084. A média de refeições diárias fornecidas foi de 206.

13 – Projeto "Partilhar"

Através do Projeto "Partilhar", promovido pela Rede Social concelhia, a SCMVC assumiu «*a responsabilidade de apoiar agregados familiares carenciados de 19 freguesias do concelho com capacidade de receberem alimentos em cabazes compostos por bens alimentares exclusivamente adquiridos pela própria Instituição*». No ano 2017 foram entregues 357 cabazes com o valor de 11467,52€.

14 – Programa de Apoio às Pessoas mais Carenciadas (POAPMC)

Deferida a sua candidatura ao "Programa Operacional de Apoio às Pessoas mais Carenciadas", a Misericórdia de Vila do Conde «*constituiu-se como Entidade Mediadora do referido programa*» que tem como objetivo combater a pobreza e a exclusão social. No ano 2017, no âmbito deste programa, distribuiu a Santa Casa 161 cabazes de alimentos a agregados familiares carenciados.

15 – Tratamento de roupa a pessoas carenciadas

Durante o ano 2017, foi proporcionado tratamento de roupa, uma vez por semana, a 18 beneficiários com carência económica extrema sem condições habitacionais para assegurar essa exigência básica de higiene.

16 – RLIS – Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS)

O Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS) da Rede Local de Intervenção Social (RLIS) tem como principal função ou objetivo:

- Informar, aconselhar e encaminhar;
- Apoiar situações de vulnerabilidade social;
- Prevenir a pobreza e exclusão social;
- Mobilizar recursos da comunidade;
- Promover autonomia e redes de suporte social.

Durante o ano 2017, este serviço da Instituição analisou 501 processos familiares.

17 – Serviços de Saúde

Durante o ano 2017, manteve a Misericórdia em funcionamento os seguintes serviços de saúde:

- Clínica de Medicina Física e de Reabilitação
- Imagiologia Médica
- Laboratório de Análises Clínicas

- Atendimento Permanente
- Consulta Externa
- Medicina Interna
- Cirurgia

18 – Unidade de Cuidados Integrados (UCCI)

A UCCI da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde é constituída por duas tipologias: Unidade de Média Duração e Reabilitação (UMDR) com capacidade para 25 pessoas e Unidade de Longa Duração e Manutenção (ULDM) com capacidade para 30 pessoas. Durante o ano 2017, a UMDR teve uma ocupação média anual de 97,9% da sua capacidade e a ULDM de 99,25%.

19 – Departamentos de Apoio

- Contabilidade
- Recursos humanos e formação
- Jurídico
- Aprovisionamento
- Farmacêutico
- Informática
- Comunicação e Marketing
- Qualidade, Ambiente e Segurança
- Nutrição e Alimentação

20 – Outros Serviços

- Salão de Chá I
- Salão de Chá II.
- Hotel Brazão - Durante o ano 2017, teve uma ocupação média de 66,2% para o que terão contribuído as *«seis campanhas temáticas ou festivas nas épocas com menor taxa de ocupação e com condições especiais»*.

21 – Obras em curso

- ***Palácio Hotel*** - O projeto de arquitetura para a reconstrução do edifício situado a norte da Avenida Júlio Graça com a finalidade de nele se instalar um hotel para *"turismo/saúde"* encontra-se a aguardar a aprovação da Câmara Municipal de Vila do Conde.

- ***Edifício RLIS*** – Durante o ano 2017, foi remodelado um edifício da Misericórdia de Vila do Conde, situado na rua Dr. António Andrade n.º 94, para nele se instalar condignamente o serviço designado **"Rede Local de Inserção Social"**.

António Amorim

Misericórdia assina acordo Programa Incorpora de "la caixa"

Em Junho de 2018, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde assinou um protocolo ao abrigo do Programa *Incorpora* de *"la caixa"*, celebrado com a *Fundación Bancaria Caja de Ahorros y Pensiones de Barcelona*.

Este projeto tem por objeto promover ações que melhorem a empregabilidade de públicos-alvo especialmente vulneráveis. Entende-se, como tal, pessoas em situação ou risco de exclusão social, e /ou com incapacidade, e, em geral, com dificuldades especiais de acesso ao mercado de trabalho, mediante a sua contratação por empresas públicas ou privadas, que estejam no mercado de trabalho, através de um modelo de colaboração entre todas as Entidades participantes no Programa que contribuam para a integração no mercado de trabalho dos referidos públicos-alvo.

Com este projeto, a Misericórdia de Vila do Conde coloca ao dispor da comunidade vila-condense mais uma resposta de intervenção social para apoiar as pessoas mais desprotegidas, através da sua inserção profissional, procurando minimizar as suas dificuldades.

Cândida Carneiro
Responsável pelo Departamento de Recursos Humanos e Formação

Procissão do Senhor dos Passos

Cerimónia decorreu no interior da Igreja Matriz

A tarde chuvosa e fria de domingo, dia 4 de março, não foi impedimento para a participação dos vila-condenses nas Cerimónias do Senhor dos Passos, este ano com uma alteração relativamente ao habitual.

Devido ao mau tempo, a organização da Procissão do Senhor dos Passos deliberou que a solução mais prudente, para todos, seria a realização das cerimónias no Interior da Igreja Matriz.

As cerimónias decorreram com a afluência dos vila-condenses que deixaram o aconchego do seu lar para serem estimulados pela Palavra de Deus e a douta pregação proferida pelo Reverendíssimo Cónego Doutor José Paulo Abreu, numa cerimónia repleta de simbolismo, sentimento e emoção.

Na sua mensagem, o Cónego José Paulo, Vigário Geral da Arquidiocese de Braga, estabeleceu paralelismos entre as figuras chave da História da Salvação, o seu modo de agir e a forma de atuar do Homem hodierno que, continuamente, comete injustiças e infidelidades, contrariando o exemplo supremo de Maria e de Jesus Cristo, Seu amado Filho, que com a Sua morte rasgou o véu do templo, dando a toda a Humanidade acesso livre à casa do Pai.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde e a Paróquia de São João Baptista deixam uma palavra de agradecimento a todos os presentes, às digníssimas autoridades, e apelam à reflexão introspetiva da mensagem pregada em torno dos últimos passos de Cristo.

Lara Santos

Cónego Dr. José Paulo no uso da palavra.

Via Sacra "Despertar Esperança" na Semana Santa em Braga

Participar e viver a Quaresma e Semana Santa, em Braga, é inserir-se numa tradição que remonta aos primórdios do Cristianismo. Aqui, mais do que assistir ou recordar a algo do passado, quem faz esta experiência percebe que toca em qualquer coisa de maravilhoso, que promove a vida e a qualidade de vida de todos os envolventes.

A Quaresma e Semana Santa em Braga é um espaço onde se faz a experiência de reavivar a esperança!

Este é um acontecimento de forte cariz religioso, mas que não se cinge, apenas, às tradicionais comemorações religiosas: celebrações na Catedral e procissões na rua. Lança mão de outros eventos e linguagens para facilitar a compreensão e vivência deste evento único, potenciador de uma visão integral do ser humano, potenciando-o naquilo que ele tem de mais nobre: a capacidade de sonhar, de ultrapassar dificuldades e saber-se amado por Alguém de uma forma única e incondicional.

As exposições, os concertos e outros espetáculos têm aqui um papel muito importante. São canais através dos quais se pode fazer a proposta deste Deus maravilhoso que ama cada humano como ninguém e que é a melhor proposta de humanização e de cidadania responsável no nosso contexto ocidental.

É neste quadro que se percebe o grande sucesso que teve a Via Sacra apresentada no Auditório Vita, no dia 21 de março, pelo Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência (CARPD - Touguinha), da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde.

Foi um espetáculo, no sentido mais nobre da sua etimologia, que ajudou a ver o essencial da Quaresma e Semana Santa, que igualou todos os que estávamos naquela sala de espetáculos, e que nos mostrou de uma forma muito clara que a proposta de Jesus Cristo, narrando o que Ele faz por nós, é muito desejada e potenciadora do que mais nobre e belo tem cada ser-humano.

Luís Miguel Figueiredo

Maria junto à Cruz de Jesus

Procissão do Enterro do Senhor

A vivência da Semana Santa em Vila do Conde tem sido, ano após ano, um tempo de grande introspeção, contribuindo em muito o investimento material e espiritual empreendido pela Santa Casa da Misericórdia, em colaboração com a Paróquia de São João Baptista.

Este ano pastoral, subordinado ao tema "Despertar Esperança", foi momento oportuno para o relançamento da Procissão do Enterro do Senhor que já há oito anos não saía às ruas desta cidade tão respeitável.

As cerimónias religiosas que estavam programadas para as 21h30, dadas as condições meteorológicas, foram realizadas no interior da Igreja Matriz e presididas por Sua Excelência Reverendíssima, D. Francisco Senra, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Braga.

Assim, num ambiente próprio de Sexta-feira Santa, de luto, recolhimento e introspeção, concretizou-se uma paraliturgia bem definida que substituiu o guião que previa uma procissão pelas Capelas dos Passos da cidade, com a imagem do Senhor Morto.

Pela presença de tantos fiéis e do ambiente que se criou, as palavras proferidas pelo Sr. D. Francisco Senra ficaram gravadas no coração dos presentes e ajudaram a que cada um se colocasse, também, no caminho de sofrimento de Jesus, mas sempre com olhar fito na ressurreição e na alegria pascal.

Com o sentimento vivencial da fé bem definido e com o anuir das responsabilidades eclesiais de forma salutar, a Santa Casa da Misericórdia continuará a programar estes momentos com o maior empenho, entendendo-os como de valor incalculável para instituição que se alimenta e vive da Misericórdia Divina.

Paulo César Dias

Canto de Verónica e as Santas Mulheres

Procissão de Velas de Fajozes

Saída da Procissão de Velas do Centro de Reablitação Prof. Dr. Jorge Azevedo Maia

No passado sábado, dia 26 de Maio, realizou-se, na Paróquia de São Pedro de Fajozes, a habitual procissão de velas que levou às ruas da freguesia o andor de Nossa Senhora de Fátima. Este ano, a decoração e enfeite do andor foi da responsabilidade do Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia, equipamento social de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, situado em Fajozes. Utentes e colaboradores dedicaram-se de corpo e alma a esta nobre causa e fizeram daquela noite um momento muito especial, enchendo a rua da igreja de gente, flores, luz e cânticos à Virgem Maria.

A procissão contou com a adesão de um grande número de pessoas da freguesia de Fajozes que se despediram do mês de Maio dedicado à Virgem Maria. O momento foi vivido com grande emoção e devoção por toda a comunidade de Fajozes, que integrou a procissão, e pelos utentes e colaboradores.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde agradeceu a oportunidade e colaboração da Paróquia de São Pedro de Fajozes e de todos quantos ajudaram na preparação deste momento especial na vida dos utentes com deficiência do Centro de Reabilitação Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia, em Fajozes.

Cátia Oliveira

Andor de N.ª Sr.ª de Fátima transportado pelos colaboradores deste Equipamento Social

Concerto de Reis na Igreja da Misericórdia

A Escola de Música da Vila projetou a realização de 2 concertos alusivos ao Natal e aos Reis.

A ideia ganhou corpo após a colaboração da Santa Casa da Misericórdia e da Paróquia de S. João Baptista. Assim nasceu, "Uma Noite Feliz", partindo da encenação de uma história à volta do nascimento de Jesus e musicada num registo que misturava sonoridades de cariz religioso, com os hinos mais festivos do Natal e dos Reis.

Esta realização conjunta resultou de forma plena com uma participação massiva de público, no dia 19 de janeiro, às 21h00, na Igreja da Misericórdia.

Para a Escola de Música da Vila foi um desafio arrojado, porém com resultados muito enriquecedores. Deixo aqui o meu agradecimento sincero em nome de todos os participantes, fazendo votos para que possamos voltar a colaborar. A forma como fomos recebidos e o apoio que recebemos foi inexcedível.

Momentos musicais sublimes e plenos de religiosidade e exaltação. A repetir!!!

Jorge Casimiro

Professores e alunos da Escola de Música da Vila deram vida ao elenco musical.

Maus-tratos na Infância

No âmbito da campanha nacional de consciencialização para a prevenção dos maus-tratos na infância que decorre anualmente no mês de abril, a Santa Casa da Misericordia de Vila do Conde aliou-se à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ), assinalando esta data.

A Casa da Criança e o Centro social em Macieira uniram-se em massa na divulgação e consciencialização de um tema tão sonante como os Maus Tratos em Crianças e Jovens. Assim, todas as nossas crianças e jovens realizaram atividades neste âmbito de sensibilização para a temática. Distribuíram-se vários cartazes, realizados pelos nossos utentes, nas diversas valências de atuação da Santa Casa da Misericordia de Vila do Conde, com o sentido de consciencializar e envolver toda a comunidade. Como forma de chegarmos ao maior número de pessoas possível e promovermos a consciencialização da prevenção dos Maus Tratos infantis, algumas crianças da sala dos 5 anos foram entrevistadas pela Rádio Onda Viva, respondendo a questões relacionadas com a temática, mostrando-se bastante participativas e conhecedoras do tema. Foram ainda realizadas ações de sensibilização às crianças e jovens a fim de os alertar para a problemática, para os seus direitos / deveres e ainda despertar a consciencialização da existência de uma rede de apoio e de suporte que os pode auxiliar caso se deparem com uma eventual situação de Maus Tratos. Assim, foram apresentados números de apoio e de emergência social. Em paralelo, realizaram-se ações de sensibilização para os colaboradores acerca dos Maus Tratos infantis, no sentido de sensibilizar os colaboradores para as formas deles existentes e para as medidas de prevenção e atuação a agilizar, estabelecendo regras claras para a identificação e comunicação de casos de maus-tratos e como agir de forma célere em todas a situações, protegendo sempre a confidencialidade da vítima.

A intenção de alertar para a Prevenção dos Maus-tratos na Infância, nasceu da campanha do Laço azul (Blue Ribbon), campanha esta que teve início da década de 80, no estado norte-americano de Virgínia, quando uma avó, Bonnie W. Finney, amarrou uma fita azul à antena do seu carro para simbolizar os maus-tratos sofridos pelos seus dois netos. A cor azul representava as nódoas negras nos corpos das crianças, servindo-lhe como um lembrete para a sua luta na proteção dos mais novos e alertando a sociedade para esta questão. Partindo desta campanha, as crianças da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde criaram um laço humano no sentido de despertar consciências, e distribuíram pulseiras e laços de cor azul por todos os utentes e colaboradores da Casa da Criança e o do Centro Social em Macieira. Distribuíram, também, os calendários dos afetos, com o objetivo de fomentar uma parentalidade positiva.

Durante todo o mês de Abril estiveram expostos vários trabalhos com imagens, desenhos e mensagens, realizados pelas crianças e foram apresentados vídeos alusivos ao tema nos respetivos centros.

Todas estas ações / atividades desenvolvidas em ambos os centros, apresentaram-se de elevada relevância e funcionaram como um sentimento de alerta de uma maior consciencialização de todos nós para a prevenção dos maus-tratos infantis no qual todos os pequenos gestos podem fazer a diferença.

Diana Santos
Técnica de Serviço Social
da Casa da Criança

QUALIDADE, HIGIENE E SEGURANÇA

Cozinha Nova Lar de Terceira Idade + Capacidade + Segurança Alimentar

No primeiro semestre deste ano, foi realizada a transição para a nova cozinha do Lar de Terceira Idade. Esta foi mais uma obra idealizada e materializada pelo Sr. Provedor, Eng.º Arlindo de Azevedo Maia, que, com a agilidade e destreza a que já nos habituou, se muniu de todos os profissionais com relevância técnica na execução de mais este edificado e transformou algo que apenas estava no imaginário, numa cozinha com boas condições de produção e de segurança alimentar.

Esta é uma cozinha que confeciona aproximadamente 710 refeições por dia com consistências variadas cujo objetivo é ir de encontro às necessidades e expectativas de todos os utentes, contribuindo deste modo para a promoção da qualidade de vida de cada indivíduo.

Foi um prazer fazer parte deste desafio e ajudar a escolher e definir cada área e cada equipamento com vista à maximização das condições de trabalho e segurança alimentar.

Trata-se de uma cozinha com áreas bem diferenciadas de trabalho, com circuitos bem definidos, e marcha sempre em frente. Possui uma vasta gama de equipamentos que automatizam o processo e melhoram, quer a segurança alimentar quer as condições operacionais, assim como aumenta as possibilidades de evoluir no cardápio nutricional: método, forma e consistência.

Considero que esta cozinha tem fortes apetências para, no futuro, ser um espaço de formação/integração de profissionais de cozinha, dada a elevada capacidade, componente técnica e de equipamentos diferenciados que a mesma possui.

Odete Cunha

Diversos ângulos da nova cozinha do Lar da Terceira Idade.

Transição para o referencial Equass Assurance

Em Maio deste ano, realizou-se a auditoria externa de transição para o novo referencial Equass Assurance 2018. Foi realizada pela primeira vez na Instituição uma auditoria conjunta aos 3 equipamentos sociais certificados: Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência; Casa da Criança e Centro Social em Macieira, num total de 11 respostas sociais.

Tratou-se de mais um projeto liderado pelo Departamento da Qualidade, Ambiente e Segurança, e um desafio superado com sucesso pelos profissionais dos equipamentos sociais, com o apoio do Departamento de Recursos Humanos e Formação e o Departamento de Nutrição.

A Instituição já tinha sido posta à prova, em Novembro de 2016, como entidade piloto para os testes ao Referencial Equass Assurance 2018, tendo na altura - auditora e auditados - percecionado as dificuldades e os desafios da transição no que respeita à medição fidedigna de todos os indicadores dos 10 critérios do referencial.

Entendeu, assim, a Instituição traçar com sensatez e tranquilidade o caminho da transição para que o "castelo até então construído não se desmoronasse". Reuniram-se todas as equipas de profissionais, apostou-se em formação, partilharam-se sinergias e conhecimento, tendo-se continuado o caminho da melhoria contínua durante estes dois anos, assentando todas as premissas que justificam a importância de cada critério em sólidos indicadores e mais sólidos resultados.

Como Responsável pelo Departamento da Qualidade e Segurança sinto-me bastante satisfeita com a qualidade dos resultados alcançados e com a taxa de sucesso da intervenção de cada resposta social.

A qualidade nestes Equipamentos Sociais é já uma forma de estar, acabando por diferenciar estas respostas sociais das demais equivalentes, posicionando a Instituição no caminho da Visão traçada, que é ser uma Instituição de Excelência no núcleo das IPSS's.

Todos os dias os nossos utentes, famílias, colaboradores e Instituição saem a ganhar, pela qualidade de vida proporcionada, princípios e valores instituídos, assim como o alto nível de eficiência e eficácia alcançados, onde a ética, justiça e direitos são diariamente promovidos.

Em jeito de conclusão, apraz dizer que a certificação não é um fim em si, mas antes uma ferramenta que contribui diariamente para uma gestão eficaz e para uma organização competitiva.

"O futuro tem muitos nomes. Para os fracos, o inatingível. Para os temerosos, o desconhecido. Para os valentes, é a oportunidade".

- Vítor Hugo

Odete Cunha

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
VILA DO CONDE

Atendimento Permanente

Consulta de Clínica Geral | Serviço de Enfermagem
Atendimento a Sinistrados

Disponível 24h por dia

Consulta de Clínica Geral 25€

Morada: Rua Rainha Dona Leonor, 87 4480-247 Vila do Conde | Tel. 252 249 100 | Email. geral@scmvc.pt | Site: www.scmvc.pt

Registo ERS: E107785

Entidade formadora certificada pela DGERT

O primeiro semestre do ano de 2017 destacou-se pela positiva para o Departamento de Recursos Humanos e Formação, dado ter sido alcançado o objetivo para a Santa Casa de Misericórdia de Vila do Conde de entidade formadora, certificada pela DGERT (Direção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho) para as áreas de Trabalho Social e Orientação; Serviço de Apoio a Crianças e Jovens; e Segurança e Higiene no Trabalho. A candidatura foi elaborada e submetida pelo Departamento de Recursos Humanos e Formação, com a colaboração do Departamento de Qualidade, Ambiente e Segurança e Departamento Jurídico, tendo sido a mesma aprovada a 1 de Junho de 2017.

A formação é um processo que se encontra instituído e consolidado há alguns anos na Instituição, o qual tem servido de base à expansão dos serviços, à própria sustentabilidade, melhoria contínua, incremento de cultura da qualidade institucional e qualidade dos serviços prestados aos diversos utentes/clientes. A obtenção da certificação permitiu o reconhecimento das boas práticas formativas já desenvolvidas, dos formadores qualificados que se dedicam e empenham na obtenção dos melhores resultados, dos próprios formandos que reconhecem a valorização da qualidade da formação obtida, assim como o reconhecimento do envolvimento e comprometimento da gestão do topo (direção geral e direção dos serviços) e de todas as outras partes interessadas relevantes da Instituição.

A certificação permitirá valorizar os ativos profissionais, pois tem agora oportunidade de aumentar e diversificar a carga formativa certificada, abrangendo desta feita um maior número de colaboradores e suprindo em simultâneo um maior número de necessidades formativas dos profissionais. Este novo caminho que se abre irá assim permitir diminuir os atuais constrangimentos no acesso à formação certificada financiada, que muito tem comprometido a execução dos planos de formação da Instituição.

A formação profissional tem sido perspetivada, ao longo dos anos, pelos colaboradores da Santa Casa como meio facilitador e impulsionador ao seu próprio desenvolvimento e valorização nos diferentes níveis do saber. A taxa de satisfação dos formandos/colaboradores na formação desenvolvida na Instituição é muito satisfatória, fator este que se deve à aposta de formação "feita à medida", adaptada às necessidades e aos contextos reais e práticas de trabalho. Esta taxa de satisfação também se reflete na avaliação da eficácia da formação, em que são percetíveis os ganhos/benefícios introduzidos com as ações de formação ministradas. É contudo de salientar que estes ganhos também em muito espelham o empenho e qualidade dos formadores internos. A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde tem investido numa rede de formadores internos, profissionais qualificados, com experiência e *know-how*, sendo um valor acrescentado na dinamização da "gestão do conhecimento", dada a sua relação familiar com o contexto profissional e os respetivos procedimentos de trabalho.

Enquanto Responsável do Departamento de Recursos Humanos e Formação da Instituição sinto um enorme orgulho em fazer parte desta Grande Equipa - Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde. A certificação só foi possível pelo envolvimento dos profissionais e do excelente trabalho em equipa desenvolvido, para que este processo formativo pudesse ter sido alcançado. O Departamento de Recursos Humanos e formação irá continuar no caminho da melhoria contínua, apoiando e contribuindo para o fortalecimento da Missão e da Visão da Instituição, realizando a sua atividade formativa de forma rigorosa, contando para o efeito com a participação e envolvimento de todas as partes interessadas.

Cândida Carneiro
Responsável pelo Departamento de Recursos Humanos e Formação

ENQUADRAMENTO LEGAL

Atendimento Prioritário

O atendimento prioritário consiste na obrigatoriedade de ser dada preferência no atendimento a certos grupos de pessoas, com critérios que não sejam o da mera ordem de chegada.

Trata-se da denominada "discriminação positiva" que tem como finalidade selecionar pessoas que estejam em situação de desvantagem favorecendo-as com alguma medida que as tornem menos desiguais.

Até à entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 58/2016, de 29 de agosto, apenas estava legalmente previsto o atendimento prioritário nos serviços públicos.

Com a implementação deste normativo legal tanto os serviços públicos como os privados passaram a estar obrigados a conceder prioridade no atendimento a: Pessoa com deficiência ou incapacidade; Grávidas; Pessoa idosa (com idade igual ou superior a 65 anos com evidente alteração ou limitação das funções físicas ou mentais) e Pessoa acompanhada de criança até aos dois anos de idade.

Como exceção a esta priorização, é o caso de atendimento por entidades prestadoras de cuidados de saúde quando a ordem do atendimento deva ser fixada em função da avaliação clínica a realizar bem como para os portadores de convocatórias ou os utentes com marcação prévia, pois estes têm prioridade no atendimento junto do serviço público ou privado para o qual foram convocados ou junto do qual procederam à marcação prévia.

Esta legislação estabelece também algumas regras de desempate em caso de igualdade de direitos nesta matéria, mas diz a experiência que o bom senso deverá sempre imperar entre todos os intervenientes neste processo.

Tiago Cardoso

O novo paradigma na proteção dos dados pessoais

O final do século XX ficou marcado por uma verdadeira transformação na nossa relação com a informação. A Era Digital deixou o mundo maravilhado com o acesso fácil e instantâneo a todo o tipo de conteúdos: *o mundo à distância de um click*. Já no século XXI, a introdução do *smartphone* trouxe-nos uma relação ainda mais próxima com a informação, passando a estar *o mundo na palma da mão*. O entusiasmo com esta verdadeira revolução inibiu-nos, durante muito tempo, de perspetivar as desvantagens e perigos que esta nova realidade trouxe consigo.

Numa sociedade cada vez mais alicerçada na transmissão e acesso à informação através de plataformas eletrónicas, as estratégias de marketing evoluíram e passaram a estar mais direcionadas, com o uso corrente do tratamento de informações pessoais. A ideia é simples: o processamento dos dados que facultamos permite que nos seja traçado um perfil. Por outras palavras, damo-nos a conhecer. Isso abre a possibilidade de que as estratégias de marketing sejam focadas no nosso perfil concreto, nos nossos gostos e interesses, por exemplo. O problema surge pelo facto de nunca sabermos qual o verdadeiro fim para que os dados são recolhidos, nem quem fará uso deles. Acabamos por ficar sujeitos ao poder das entidades que têm poder de processamento desses dados e à sua capacidade de manipulação.

O escândalo da *"Cambridge Analytica"* despertou na sociedade civil uma preocupação generalizada. Foi com espanto que nos apercebemos da existência de entidades cujos meios permitem, de forma indireta, "adulterar" resultados eleitorais em sistemas democráticos consolidados, através de técnicas que manipulam a informação que acedemos através da internet.

A preocupação com o poder que as organizações detêm através do tratamento de dados pessoais, o *"novo ouro dos tempos modernos"*, fez com que a Europa tenha tomado a liderança na implementação de regras para tornar mais transparente a recolha e tratamento de dados dos cidadãos da União Europeia, a qual se materializou com a entrada em vigor, no passado dia 25 de maio, do Regulamento Geral da Proteção de Dados.

Não é a primeira vez que é criada legislação com o intuito de proteger os dados das pessoas singulares, sendo que a grande inovação surge na uniformização legislativa, na alteração do paradigma das entidades de controle e nas multas previstas.

O Regulamento criou regras que se aplicam diretamente a todos os Estados Membros, uniformizando as regras de tratamento dos dados pessoais e os direitos dos titulares dos referidos dados dentro do Espaço Económico Europeu, facilitando o controle efetivo através de mecanismos centralizados.

O novo quadro legal vem imputar às organizações a responsabilidade pela implementação do regulamento, deixando à Comissão Nacional de Proteção de Dados (CNPD), enquanto entidade de controlo, a responsabilidade de supervisionar e fiscalizar o cumprimento da legislação. O paradigma alterou-se face à anterior legislação que previa, em muitas situações, a solicitação de autorização prévia à CNPD para validar os tratamentos de certos dados pessoais.

O legislador pretendeu uma implementação célere e séria do novo Regulamento prevendo, para o efeito, multas que podem ir até ao teto máximo de 20 milhões de euros ou 4% do volume de negócios, consoante o montante que for mais elevado. Estamos, obviamente, perante meros limites máximos, que em 99,99% dos casos não serão aplicados. Ainda assim, não deixam de ser um aviso para as grandes multinacionais (como Facebook, Google, etc) que são as responsáveis, e partes interessadas, no tratamento de dados pessoais em larga escala.

Estamos perante uma legislação transversal à sociedade, abrangendo todos os setores da atividade económica e as entidades públicas, com exceção de matéria criminal e de segurança pública, a par da política externa e segurança comum.

As pessoas singulares, apesar da legislação não ter um impacto visível no seu dia-a-dia, serão, sem sombra de dúvidas, os grandes beneficiários, uma vez que, sendo devidamente implementado o quadro legislativo, terão da parte das entidades um tratamento dos seus dados pessoais mais lícito, leal e transparente.

Os cidadãos passam a dispor do direito ao acesso aos dados recolhidos, o direito a transferir os seus dados e ainda o "direito a ser esquecido", ou seja, a exigir o apagamento de dados da entidade que esteja a fazer tratamento de dados pessoais.

Uma das responsabilidades que as entidades têm que assumir é a segurança dos dados pessoais que são recolhidos, não podendo ainda recolher mais dados que os necessários para a finalidade a que se propõem, ficando impedido o tratamento de dados para outra finalidade que não a que motivou a recolha, salvo motivo legalmente previsto.

Numa palavra, é um novo paradigma no tratamento dos dados pessoais. Marca o início de uma nova era no comércio e plataformas eletrónicas. Não podendo descurar que estas mudanças vão ter um grande impacto na vida das organizações, acredito que estejamos perante o início de uma grande mudança cultural, quer quanto à forma como facultamos os nossos dados pessoais, quer quanto à forma como as organizações os utilizam, arquivam e destroem quando deles não necessitam.

Miguel Maia

Rastreio Pré-Natal

Aproximadamente três por cento dos recém-nascidos apresentam anomalias durante o desenvolvimento fetal, podendo resultar de alterações cromossómicas, serem herdadas, decorrerem de fatores externos (agentes infeciosos ou fármacos), ou simplesmente provenientes da fatalidade do acaso.

O Rastreio Pré-Natal permite identificar grávidas com risco aumentado de conceberem um feto com Síndrome de *Down* ou outras cromossomopatias, portanto, com indicação para realização de outros métodos de diagnóstico. Este rastreio pode ser efetuado em períodos diferentes da gravidez. Os mais utilizados no rastreio de afeções cromossómicas são: Rastreio Combinado do 1º Trimestre e, quando o seu período de execução foi, por qualquer motivo, ultrapassado, o Rastreio do 2º Trimestre.

RASTREIO COMBINADO DO 1º TRIMESTRE

Em que consiste o rastreio combinado do 1º trimestre?

O rastreio combinado de cromossomopatias do 1º trimestre, tais como a Trissomia 21 (Síndrome de *Down*), Trissomia 18 (Síndrome de *Edwards*) ou Trissomia 13 (Síndrome de *Patau*), deve ser efetuado entre as 11 semanas e 3 dias e as 13 semanas e 6 dias de gestação e pressupõe a integração conjunta numa base de dados, segundo os critérios da *Fetal Medicine Foundation* (entidade mais creditada nesta matéria a nível mundial, há mais de 3 décadas) de:

1- Resultados do **estudo bioquímico**, que determina as concentrações séricas da **fração livre da gonadotrofina coriónica humana** (ß-HCG livre) e da **proteína plasmática A associada à gravidez** (PAPP-A), em que a colheita de sangue venoso materno e respetiva avaliação dos marcadores bioquímicos, até aqui efetuada aquando da realização da ecografia, deverá ser efetuada mais precocemente, idealmente entre as 9 e as 10 semanas de gestação, aumentando a sensibilidade de deteção (a deteção aumenta, assim, de 90% para superior a 95%);

2- O **exame ecográfico**, que avalia com exatidão: a) a **idade gestacional** através do **comprimento crânio-caudal** (CCC/CRL); b) mede a **translucência da nuca** (TN) – o líquido subcutâneo localizado entre a pele e a coluna, ao nível da nuca do feto; c) a presença ou ausência dos **ossos próprios do nariz** (ON); e) a presença ou ausência de regurgitação da **válvula tricúspida** do coração fetal e f) mede o **índice de pulsatilidade** de um pequeno vaso sanguíneo fetal, o ducto venoso;

3- **Características da grávida**; a) **idade materna**; b) **índice de massa corporal**; c) **antecedentes de afeção cromossómica em gestação anterior**; d) **grupo étnico**; e) **antecedentes de infertilidade e recurso à reprodução medicamente assistida** (ovulação induzida, FIV, GIFT, ICSI); f) **antecedentes de diabetes**.

A quem se destina o Rastreio Combinado do 1º Trimestre?

A *Fetal Medicine Foundation* aconselha o cálculo de risco no 1º trimestre a todas as grávidas, independentemente da idade.
O risco de Trissomia 21, 18 e 13 aumenta com a idade materna, sobretudo a partir dos 30 anos, no entanto, se o rastreio abranger apenas mulheres grávidas a partir, por exemplo dos 35 anos, somente 30% dos casos são detetados. Ao alargarmos o rastreio a todas as grávidas, aumentamos a deteção e diminuímos o número de exames invasivos (biópsia de vilosidades coriónicas ou amniocentese).

Todos os procedimentos aplicados no cálculo de risco (dados ecográficos, bioquímicos, caraterísticas da grávida), estão certificados pela *Fetal Medicine Foundation*, garantindo-se a aplicação de todas as recomendações de boas práticas.

O Rastreio Combinado do 1º Trimestre permite o diagnóstico definitivo das malformações referidas?

Um resultado de Rastreio Combinado do 1º Trimestre indicando risco reduzido não exclui a possibilidade de a grávida ter um feto com Síndrome de *Down* ou outra cromossomopatia, nem elimina a possibilidade de defeitos congénitos, atraso mental e outras doenças não detetáveis por Rastreio Pré-Natal.

O Rastreio Combinado do 1º trimestre, ao contrário do Rastreio do 2º Trimestre, não se aplica aos defeitos do tubo neural, nomeadamente a espinha bífida e a anencefalia.

RASTREIO DO 2º TRIMESTRE

Em que consiste o Rastreio do 2º Trimestre?

O Rastreio do 2º Trimestre consiste na determinação do cálculo de risco para a Trissomia 21 e Defeitos do Tubo Neural, integrando a idade materna e o exame bioquímico, em gravidezes previamente datadas por ecografia. Se esse risco estiver aumentado, as grávidas serão aconselhadas a fazer ecografia dirigida e/ ou ressonância magnética nuclear.

O que avalia o exame bioquímico?

O exame bioquímico consiste na determinação das concentrações séricas da **alfa-feto-proteína** (AFP) e **ß-HCG** livre, presentes no sangue materno.

Quando deve ser efetuado o Rastreio do 2º Trimestre?

O Rastreio do 2º Trimestre deve ser efetuado entre as 14 semanas e as 18 semanas e 6 dias de gestação.

O que se segue a um rastreio pré-natal de risco aumentado?

Um Rastreio Pré-Natal indicando risco aumentado significa que há maior probabilidade de a grávida ter um feto com malformações. Perante este resultado, a grávida depois de consultar o seu médico irá ponderar e decidir sobre a necessidade de efetuar o teste de Diagnóstico Pré-Natal, com recurso a outros métodos invasivos, tais como a biópsia de vilosidades coriónicas (extração de células de tecido placentário do lado fetal), efetuada entre as 11 e as 14 semanas ou a amniocentese (extração de líquido amniótico), efetuada após as 15 semanas. Ambas as técnicas acarretam um risco de perda fetal que até aqui se julgava ser de 1% e que se confirma ser apenas de 2 a 4 por mil.

Ricardo Silva
Especialista em Análises Clínicas
Luís Branco
Especialista em Ginecologia e Obstetrícia

DESPORTO

Cooperativa Agrícola vence 17º Torneio Entidades de Vila do Conde

Nos passados dia 8 e 9 de Junho, realizou-se o anual Torneio Entidades de Vila do Conde, na sua décima sétima edição, no Pavilhão Municipal desta cidade. Contou com a participação das equipas dos Bombeiros Voluntários, da Câmara Municipal, do Centro Hospitalar, da Cooperativa Agrícola, da Guarda Nacional Republicana, da Ordem dos Advogados, da Polícia de Segurança Pública, Polícia Marítima e Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde.

Trata-se de um encontro anual em que as nove equipas se defrontam em modo de convívio e fair play para apurar um vencedor que se responsabiliza pela organização da edição posterior.

Neste sentido, cumpre a esta Instituição parabenizar o desempenho e conquista do primeiro lugar pela Cooperativa Agrícola de Vila do Conde, que se destacou das restantes equipas com uma classificação de 21 pontos, equivalente a 7 vitórias e uma derrota.

A equipa da SCMVC foi constituída, este ano, pelos seguintes atletas: Armando Mateus, Filipe Seixas, João Laranjo, João Silva, Manuel Pereira, Nuno Oliveira, Ricardo Garrido, Rui Leitão, Tiago Cardoso, Tiago Ferreira e Valter Santos.

A nossa equipa, dedicada e muito competitiva, nesta 17ª edição alcançou um honroso 4º lugar na classificação geral.

Esta posição foi conquistada com os seguintes parciais: SCMVC 2-0 Cooperativa, SCMVC 1-1 CMVC, BVVC 1-3 SCMVC, SCMVC 0-2 ADPSP, OA 3-4 SCMVC, SCMVC 3-0 CHPVVC, SCMVC 0-1 GNR, Polícia Marítima 0-5 SCMVC.

Uma palavra de apreço à organização e a todos os atletas que participaram, destacando a sua atitude em campo de amizade, rivalidade saudável e, acima de tudo, grande desportivismo. Estas iniciativas são exemplo de como se consegue manter um evento de cariz desportivo quase a atingir maioridade como uma referência a seguir!

Lara Santos

Utentes da SCMVC representam Portugal nos 1ºs Jogos Europeus de Verão INAS 2018 em Paris

O selecionador nacional da equipa portuguesa de ParaHoquéi convocou os atletas Joaquim Pereira e Sérgio Areias, utentes da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde, para os 1ºs Jogos Europeus de Verão INAS 2018, a decorrer de 14 a 22 de julho em Paris.

A ANDDI vai representar Portugal sob a égide da Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência e, para isso, conta com o reforço destes dois atletas utentes da Misericórdia de Vila do Conde, o que muito orgulha e alegra a Instituição.

Esta é mais uma conquista da SCMVC a nível desportivo, desta vez por dois utentes do Centro Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia em Fajozes, equipamento de apoio e reabilitação para pessoas com deficiência que revelam excelentes capacidades desportivas, adivinhando-se um futuro cada vez mais promissor na modalidade de ParaHóquei.

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde congratula-se pela conquista conseguida dos seus atletas, bem como toda a equipa que todos os dias colabora para o sucesso e felicidade dos utentes e, consequentemente, da Instituição.

Cátia Oliveira

Dia da Misericórdia assinalado pela 13ª Milha

Partida do reconhecimento do percurso.

Para assinalar o Dia da Misericórdia, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC) através do Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha realizou, no passado dia 30 de maio, em colaboração com a ANDDI-Portugal, a anual prova de atletismo "Milha da Misericórdia" , na sua 13ª edição.

"Deram pernas" a esta prova cerca de 130 atletas, num total de 8 Instituições ligadas ao apoio de pessoas com deficiência. Todos partiram com sentido de dever cumprido e com vontade de voltar no próximo ano.

Da prova realizada foram apurados os seguintes resultados, por categorias:

•Atividade adaptada por equipas (3+1) meia milha - 800mts
1º Classificado – SCMVC;
2º Classificado – SCMVC;
3º Classificado – MAPADI – Póvoa de Varzim;

•Síndrome de Down feminino 800mts
1º Classificado – Helena Soares - AICIA - Arouca;
2º Classificado – Conceição Ribeiro - MAPADI – Póvoa de Varzim;
3º Classificado – Raquel Nunes - MAPADI – Póvoa de Varzim;

•Síndrome de Down masculino 800mts
1º Classificado – José Alexandre Moreira - CAID – Santo Tirso;
2º Classificado – Joaquim Ferreira - Fundação AJ Gomes Cunha;
3º Classificado – João P. Rodrigues - MAPADI – Póvoa de Varzim;

•Iniciados masculinos 800mts
1º Classificado – Gabriel Costa - Clube Gaia;

•Juniores masculinos 1600mts
1º Classificado – Rui Parauta - Clube Gaia;
2º Classificado – Rúben Moreira - SCMVC;

•Seniores femininos 1600mts
1º Classificado – Cátia Andrade - CAID – Santo Tirso;
2º Classificado – Patrícia Gomes - SCMVC;
3º Classificado – Cláudia Gomes - MAPADI – Póvoa de Varzim;

•Seniores masculinos 1600mts
1º Classificado – José Carlos Costa - CAID – Santo Tirso;
2º Classificado – Pedro Machado - CAID – Santo Tirso;
3º Classificado – André Oliveira - SCMVC;

•Masters femininos 1600mts
1º Classificado – Guilhermina Sousa - Fundação AJ Gomes Cunha;

2º Classificado – Fátima Barbosa - CAID – Santo Tirso;

•**Seniores masculinos 1600mts**

1º Classificado – Vitor Oliveira - AICIA - Arouca;

2º Classificado – Pedro Magalhães - SCMVC;

3º Classificado – Avelino Castro - Fundação AJ Gomes Cunha;

A Misericórdia de Vila do Conde agradece e congratula todos os participantes pela sua prestação na referida prova e deixa também uma palavra de apreço à ANDDI--Portugal pelo seu dinamismo na realização de provas deste cariz permitindo e valorizando o desporto adaptado pelo país e além-fronteiras.

Lara Santos

Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde na Fase Final do Campeonato Nacional de Futsal

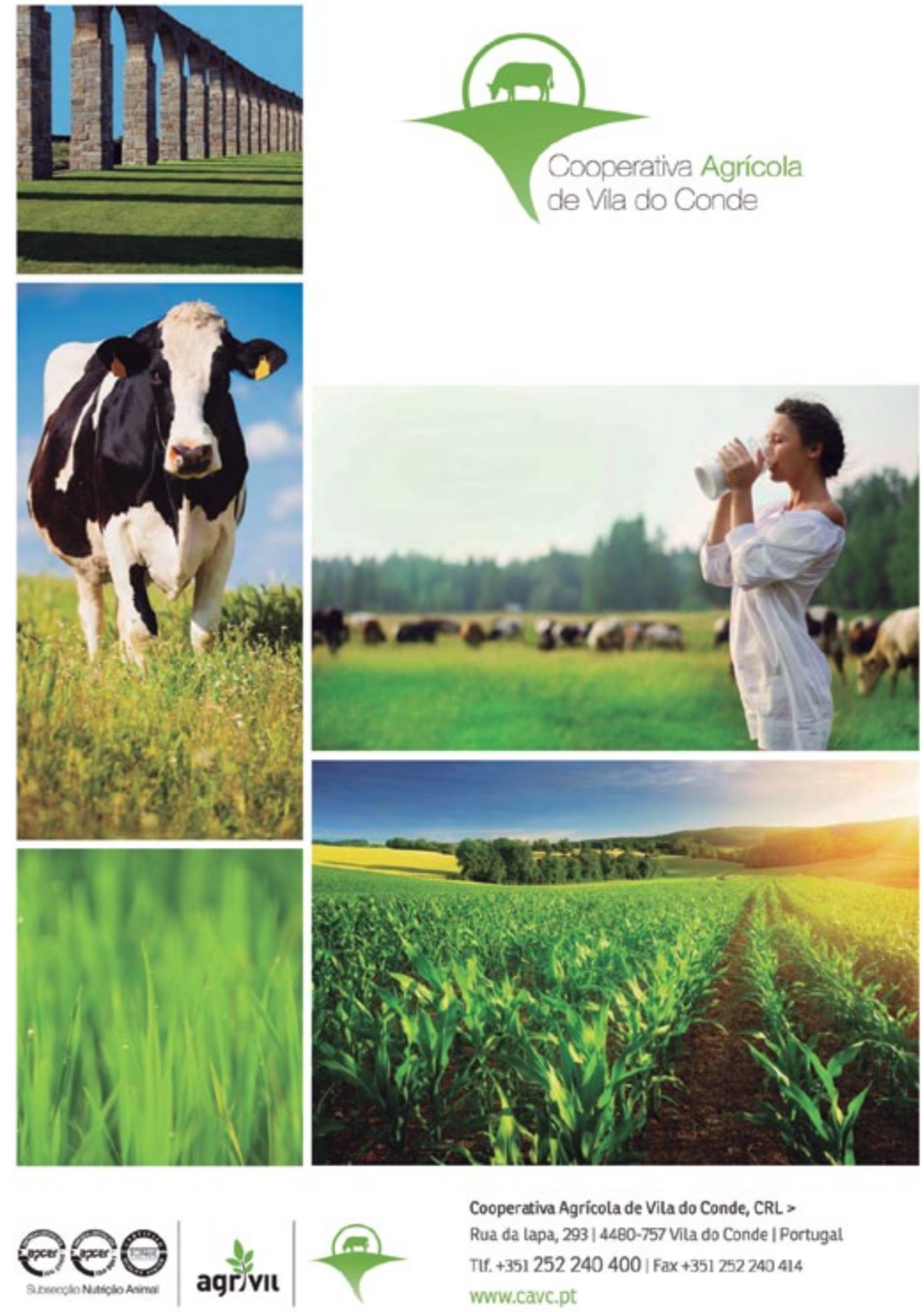
Equipa de Futsal da SCMVC

Os atletas do Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência em Touguinha e do Centro Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia em Fajozes, centros de apoio à deficiência da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde (SCMVC), disputaram a fase final do campeonato nacional de futsal em Lisboa, nos dias 8 e 9 de Junho de 2018.

Os resultados alcançados e atingidos pela SCMVC na fase de grupos da competição, foram os seguintes: SCMVC 1 Vs ARCIL – Lousã 7; SCMVC 1 Vs CD "Os Especiais" 9 e SCMVC 1 Vs APPACDM – Faro 8. Apesar de a SCMVC ter averbado três derrotas em três jogos efetuados, o esforço, o empenho, a dedicação, a motivação, a abnegação, o espirito "guerreiro" e "combativo", foram notas dominantes, totais e máximas durante toda a competição. De destacar, que a SCMVC alcançou por mérito e ambição própria a presença na Fase Final do Campeonato Nacional de Futsal, repetindo o êxito de 2014 e 2017, o facto de ter estado uma vez mais a "ombrear" e entre as oito melhores equipas do país, é um motivo de enorme reconhecimento e orgulho para todos os que fazem parte da "família" da instituição. O troféu correspondente ao oitavo lugar, que foi arrecadado pela SCMVC, representa e simboliza cada gota de suor despendida ao longo de toda uma época desportiva, jornada após jornada, até se atingir a grande finalíssima do Campeonato Nacional de Futsal. A equipa que se consagrou campeã nacional foi o Clube de Gaia e a vice-campeã foi a UDI - Setúbal, ambas as equipas integraram o grupo A na fase de grupos, onde não esteve integrada a equipa da SCMVC.

A equipa da SCMVC está alicerçada nos resultados positivos do "passado", tem percorrido o caminho certo no "presente" e encara o "futuro" com confiança e determinação.

Pedro Silva



Testemunho do Parceiro ANDDI

A ANDDI-Portugal (Associação Nacional de Desporto para Desenvolvimento Intelectual) é uma Instituição sem fins lucrativos, cuja principal atividade é fomentar e organizar a prática de atividades desportivas de competição para atletas nacionais com incapacidade intelectual, a levar a efeito tanto em Portugal como no estrangeiro com o objetivo fundamental da sua plena reabilitação e integração na sociedade.

Como tal, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde é um dos nossos associados mais dinâmicos e participativos, envolvendo-se em grande parte das atividades promovidas pela ANDDI na vasta oferta desportiva que o calendário anual contém. E são várias as modalidades desportivas que a Santa Casa pratica, desde o andebol ao atletismo e às atividades aquáticas, passando também pelo basquetebol, o ciclismo, o futsal, o parahóquei, o remo indoor e o ténis de mesa, para além de outras atividades de cariz mais recreativo e experimental.

Esta prática regular da Santa Casa nas atividades / competições da ANDDI tem 12 anos, durante os primeiros, só com utentes da CARPD Touguinha e, mais tarde, alargado a outros centros, nomeadamente ao de Fajozes, sendo que o crescimento dos seus praticantes é uma realidade bem visível com a inclusão do atleta Joaquim Pereira na Seleção Nacional de ParaHóquei que se sagrou duas vezes campeã da Europa desta modalidade adaptada.

Temos a plena convicção que outros atletas seguirão os mesmos passos de Joaquim Pereira e acima de tudo, temos a certeza que todos os praticantes desportivos da Santa Casa terão uma contínua evolução, dado o trabalho dedicado dos técnicos que os acompanham neste percurso.

Quero ainda destacar a forma de estar de todas as pessoas da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde nos eventos da ANDDI: Os atletas envolvidos sempre num grande espírito desportivo e de respeito por todos e os seus técnicos pela forma como, voluntariamente, colaboram nas provas e ajudam a engrandecer as mesmas. Esta parceria tem crescido com os anos e certamente se fortificará ainda mais no futuro.

Um bem-haja à Santa Casa da Misericórdia da Vila do Conde!

José Costa Pereira
Presidente da ANDDI-Portugal

DO ARQUIVO

Capela de Simão Afonso de Faria - II parte

Simão Afonso de Faria, casado com Isabel Gomes, faleceu em Abril de 1577, não deixando descendentes diretos. A sua atividade como piloto e senhorio em algumas das embarcações que no século XVI faziam o comércio entre Vila do Conde e os vários locais da expansão portuguesa, permitiu-lhe arrecadar uma fortuna considerável, tanto em bens móveis como imóveis, descritos na sua plenitude no inventário de bens realizado após abertura do seu testamento. Neste, entre outras disposições, estava inscrita a sua vontade de instituir uma Capela[1] na Igreja da Misericórdia de Vila do Conde, vinculando-lhe, de forma a garantir o sustento e cumprimento das suas disposições, algumas propriedades fundiárias que partilhava com a sua esposa. Pediu também que a Capela fosse administrada por ela enquanto fosse viva, passando depois este encargo a um sobrinho do casal, Frei Francisco de Santiago, a título vitalício e com usufruo da totalidade das rendas das propriedades vinculadas.

Para além do cargo de administrador, Frei Francisco de Santiago ficou também como capelão da capela, responsável pela celebração da missa semanal no altar de S. Cristóvão, na Igreja Matriz. Após o seu falecimento, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde tomou para si a responsabilidade da celebração da missa semanal e passou a receber a metade que lhe cabia do rendimento das propriedades. A outra metade era entregue aos herdeiros de Isabel Gomes, encabeçados por Maria Amadora, mulher de António Gomes Caramujo.

Pela documentação existente, podemos traçar a história das propriedades vinculadas à capela de Simão Afonso de Faria, desde o momento da sua aquisição até à remissão do foro. Para melhor compreensão, o percurso de cada uma das propriedades será apresentado de forma individual.

Assim, as primeiras propriedades apresentadas são a Bouça da Areia e a Bouça de Santa Catarina, cujos nomes denunciam também a sua localização geográfica. Consta do maço de documentos desta capela a escritura de compra das duas propriedades, feita por Simão Afonso de Faria e sua mulher a Isabel Ruiz, viúva de Manuel Ruiz, pela quantia de 60 mil réis. O documento foi registado nas notas do Tabelião Gaspar Nunes com data de 21 de Setembro de 1574. Nele, apresentam-se, entre outras informações, as confrontações das duas bouças: a Bouça de Santa Catarina estava abaixo de Santa Catarina, junto à Cordoaria e confrontava do Norte com bouça que foi de António de Mariz, do Sul com bouça de Pero Enes, de Oeste com bouça de António Martins e de Este com o caminho que ia da Cordoaria para Santa Catarina; a Bouça da Areia, encontrava-se perante as bouças da Areia, junto ao caminho que ia para Casal da Areia, confrontando do Este com bouça de Maria de Paz e Pero Álvares, do Norte com bouça de Pantaleão de Teive e do Oeste com a cangosta. Foram testemunhas desta escritura: Gaspar Fernandes, pedreiro e morador no final da rua de S. Sebastião, que assinou pelas mulheres; Diogo Pires, mareante; Bartolomeu Ribeiro, carpinteiro e Afonso Enes, cesteiro.

Estiveram também presentes na escritura os filhos de Isabel Ruiz e seu defunto marido, Maria de Noronha, juntamente com seu marido Gonçalo Vaz, e Francisco Ruiz, tendo ambos consentido na venda das propriedades. A vendedora, Isabel Ruiz, declarou que em relação a seu filho Dinis Álvares, já lhe tinha

[1] Conjunto de bens vinculados com obrigação da realização de ofícios religiosos por alma do instituidor ou pessoa por ele indicada.

sido entregue a legítima parte da herança que lhe cabia por falecimento de seu pai, pelo que, nada tinha a objetar sobre esta venda.

Simão Afonso de Faria tomou posse destas bouças em 25 de Setembro de 1574, através do Tabelião Gaspar Nunes, estando presentes como testemunhas, António Lopes, tosador e Gonçalo Afonso da Alfândega, ambos moradores em Vila do Conde.

Em 27 de Fevereiro de 1585, após o falecimento de Isabel Gomes, juntamente com outras propriedades do vínculo de Simão Afonso de Faria, foi dada posse ao Provedor e mais Irmãos da Misericórdia de Vila do Conde das bouças que tinham pertencido a Isabel Ruiz, viúva de Manuel Ruiz, sitas abaixo de Campo Poem, para o lado do mar.

A primeira referência a caseiros da Bouça da Areia e da Bouça de Santa Catarina está registada no Livro das Capelas de 1629, com declaração que Maria Pires, viúva de Cima de Vila, trazia as ditas bouças e delas pagava de renda trinta e sete medidas de pão meado e três de trigo, divididas equitativamente pela Misericórdia e pelos herdeiros de Isabel Gomes, conforme se pode ler pela transcrição abaixo, inscrita no referido livro:

"Paga M.ª piz de sima de villa raza e meya de trigo, e outo e meya de centeyo e des de milho pella velha; e de toda esta Capella asima se paga outro tanto a M.ª Amadora moradora nesta Villa."

A esta caseira, sucedeu-lhe seu genro, Lucas Fernandes casado com Maria Manuel, moradores em Cima de Vila. Como era comum à época, estas propriedades mantinham-se na mesma família durante várias gerações, num ou noutro filho ou dadas como dotes de casamento. Por isso, não é de estranhar que o sucessor deste casal tenha sido o seu filho, Manuel Fernandes, casado com Maria Gomes.

Após ter tomado posse da administração da capela a Misericórdia começou a fazer prazos de vidas destas propriedades. O primeiro de que há registo data de 24 de Junho de 1697, feito a Simão Fernandes e sua mulher Maria Francisca, lavradores e moradores em Cima de Vila, filho e nora de Manuel Fernandes e Maria Gomes. Segundo informação do próprio documento, este casal possuía anteriormente estas terras por contrato de arrendamento e apresentaram requerimento a esta Santa Casa da Misericórdia para a realização do prazo de vidas. Segue abaixo transcrição de parte da vedoria e medição destas propriedades:

"Medição da Bouça que fica junto a caminho que vay perante as bouças para o Cazal da Area. Tem esta Bouça de comprido pela parte da terra que se estende do nascente noventa e huma varas, e confronta em terras de Helena Machado Dona Viúva, que ficou de Manuel Salvadores Bastos moradora nesta villa, e do mesmo nascente da parte do norte ao mar tem de comprido oitenta varas, confronta com terras de Dona Maria de Lemos viúva desta mesma villa, e do mesmo norte ao sul pela mesma parte do poente tem de comprido cento noventa e huma varas, e contesta com quingosta, que vai perante as bouças para o dito Cazal da Area, na parte do sul faz hum recanto, que tem de largo junto ao valo quarenta varas; tem da terra ao mar pella parte do sul cento vinte e duas varas, confronta com hum campo de Francisco Carneiro Soto Maior desta villa, tem da parte de Leste hum pedaço de mato; leva de semeadura a terra lavradia doze alqueires."

"Tem o campo que fica abaixo de Santa Catarina de comprido pella parte do norte cincoenta e cinco varas, confronta com huma bouça de Antonio Carneiro de Figueiredo, de norte a sul pella parte do norte tem de comprido noventa varas, confronta com o dito Antonio Carneiro de Figueiredo; e da parte do Sul correndo do nascente ao poente tem de comprido oitenta varas, parte com terras do Vigario de Athem (?) o Padre Pedro Annes Giesteira, e faz hum recanto abaixo do campo do dito Vigario que entesta com terras de Martinho Barbosa Carneiro desta villa, e tem pella parte do Leste oitenta e huma varas, confronta com o caminho da Cordoaria, que vai dar ao Hospital, he valado de parede todo ao redor; leva de semeadura a terra lavradia seis razas, tem hum pequeno de matto junto a quingosta ."

Para além destas duas propriedades, juntou-se-lhes uma cortinha de que há informação na mesma vedoria: *"… Item a cortinha, que esta a sancta catharina do nascente ao poente tem de comprido cincoenta e duas varas e meia; e de larguo pella parte do poente tem dezanove varas ao travez; e de nascente de norte e sul tem vinte varas, parte do norte com a quingosta; que vay do mar dar na Rua da Palha, e da parte do nascente e sul com o campo do Morgado de Santa Luzia , e terras da Misericórdia; entra o dito campo do Morgado pelo do cazeiro; e faz huma chave; porem esta todo valado, leva de semeadura raza e meia…".*

Perante esta vedoria e medição estabeleceu-se a renda e pensão de dez rasas e meia de milho grosso e oito rasas e meia de centeio, pagas todos os anos por dia de S. Miguel em Setembro.

O Tombo I das Propriedades Fundiárias desta Santa Casa, com data de 1711, confirma não só as medidas e rendas destas propriedades, mas também o prazo de vidas que delas foi feito a Simão Fernandes e sua mulher. O Livro das Rendas e Caseiros de 1723, no título destas propriedades refere que o prazo ia já na segunda vida e acrescenta que a renda de dezanove medidas que os caseiros pagavam todos os anos estavam impostas na Bouça de Campo Poem, no Campo do Forno e na bouça que está no caminho para Santa Catarina.

Tendo terminado a primeira e segunda vidas do prazo assinado em 1697, sucedeu-lhes em terceira vida sua filha Ângela Fernandes, casada com Luís Francisco. Embora não haja notícia de renovação do prazo de vidas, a sucessão de caseiros foi acontecendo naturalmente. Assim, à morte de Ângela Fernandes ficou Luís Francisco, seu marido, como quarta vida do prazo e titular das propriedades. A quinta e sexta vidas foram ocupadas, respetivamente por Manuel António e sua mulher Maria Luísa. Segundo o Livro das Rendas e Caseiros de 1789, o título destas propriedades passou para Domingos António, filhos dos anteriores caseiros.

Em 24 de Setembro de 1858, por estar vago o prazo de vidas, o Provedor e mais Irmãos da Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia mandaram chamar Maria Teresa de Jesus, moradora em Cimo de Vila, titular que era na época das propriedades aqui referidas, para que se lhe fizesse renovação do prazo de vidas. Esta caseira referiu que as terras estavam em suas mãos por doação que lhe tinha feito seu tio e padrinho, José António Caldeira, casado com Dona Francisca Clara de Jesus, residentes no Rio de S. Francisco, Império do Brasil. Esta doação estava oficializada em escritura pública com data de 11 de Outubro de 1854, lavrada nas notas do Tabelião da cidade do Rio de Janeiro, Pedro José de Castro Oliveira. Escritura essa que Maria Teresa de Jesus tinha apresentado em Mesa do Despacho desta Santa Casa em 1855, tendo sido lavrado termo de reconhecimento em 15 de Abril de 1855. Para a concretização desta renovação do prazo de vidas foi feita vedoria e medição das propriedades pelos louvados de ambas as partes, António José da Silva, morador em Cima de Vila, da parte da caseira e João Gomes, morador na freguesia de Balazar, da parte da Misericórdia, tendo ambos prestado juramento sob os Santos Evangelhos.

O prazo de vidas foi feito no dia 4 de Janeiro de 1859, ficando como primeira e segunda vidas Maria Teresa de Jesus e seu marido Domingos Pereira da Silva, com renda e pensão igual à do prazo anterior.

Em 18 de Outubro de 1877, Domingos Pereira da Silva solicitou autorização à Mesa Administrativa desta Santa Casa para vender a João Lopes Rodrigues, negociante de carnes verdes, morador em Vila do Conde, uma porção de terreno que outrora pertencera à corti-

nha de sua casa e que tinha ficado separada da mesma propriedade pela estrada pública que seguia para a Póvoa de Varzim. Como justificação, defendia que a parte da cortinha que tinha ficado separada da propriedade original confrontava, de Norte e Nascente, com terras do dito João Lopes Rodrigues. Do Poente e Sul, entestava com a referida estrada acabando em ponta aguda com caminho que ia para os arcos das freiras. O comprador ficaria com o encargo de pagar a renda de vinte réis anuais, correspondente a essa porção de terreno. No Livro das Rendas e Caseiros de 1869, informa-se que por causa desta venda, a Misericórdia abateu ao foro da propriedade, um oitavo de rasa de milho.

Da restante propriedade, ficou como terceira vida Domingos da Silva Pereira, filho de Maria Teresa de Jesus e seu marido Domingos Pereira da Silva, que, pelo que indica o acima referido Livro das Pensões e Caseiros de 1869, fez remissão do foro em 26 de Fevereiro de 1897, pela quantia de 17 mil réis, terminando desta forma, o vínculo que esta Santa Casa tinha com a Bouça da Areia e a Bouça de Santa Catarina.

A segunda propriedade a ser apresentada é o assento do Casal de Campo Poem ou Casal de Pega, adquirido por Simão Afonso de Faria e sua mulher a Pero Enes, viúvo de Maria Pires, por escritura de 17 de Outubro de 1564, lavrada nas notas do Tabelião Gaspar Nunes:

"… as casas e assento do dito casal com dous campos ao longo das mesmas casas cercados sobre sy que levam de semeadura ambos oytemta allqueyres de pão que partem do giaom com ha bousa de joam piz de regufe e do mar com huã bousa que traz grasia piz de casal de bastiam gllz e do vendaval com ho caminho que vay pra casal do monte e asy partem com outras confrontações que he de casas e cabesa de casal e campos tem tem (sic) helle pero ennes ametade como viuvo por falecimento da dita sua molher e esta a sua metade das ditas casas asemto e campos com todo o que pertemse ao dito casal disse elle pero ennes que vendia e de fato vendeo deste dia pera sempre por erdade dizimo a Ds ao dito symão afomso e a sua molher para elles e seus filhos e herdeyros que deles virem e descemderem por preço e comtia de trymta mil rs em paaz he em sallvo da sysa para elles vemdedores os quaes trimta mil rs elle pedro ennes llogo recebeo ao fazer desta scriptura do dito symaom afomso por dinheiro de comtado pramte mym tam e testemunhas por peças douro de quynhentos rs…".

Na mesma data, Simão Afonso de Faria fez *"prazo fatiuzim"*[2] perpétuo ao vendedor Pero Enes e seu filho Gonçalo Pires, sua mulher, filhos e descendentes que deles viessem, com renda e pensão de vinte alqueires de pão meado.

Em 23 de Fevereiro de 1565, o Tabelião Gaspar Nunes deu posse destas terras a Simão Afonso de Faria. No documento que registou essa tomada de posse informa-se também que os outros filhos de Pero Enes tinham vendido a Simão Afonso de Faria a parte que, por herança de sua falecida mãe, lhes cabia deste Assento. As escrituras, comprovando as compras, foram apresentadas na mesma altura.

Os irmãos António Pires e Manuel Pires, com suas mulheres respetivamente, Maria Lopes e Catarina Gonçalves, fizeram escritura de venda em 30 de Setembro de 1563, na qual declararam vender o seu quinhão da propriedade pela quantia de 14 mil réis. Simão Afonso autorizou que lá permanecessem enquanto fossem vivos, como simples colonos, com a condição de pagarem anualmente a renda e pensão de catorze alqueires de pão: António Pires pagaria um alqueire de trigo e seis de pão meado; Manuel Pires passaria a pagar sete alqueires de pão meado.

Isabel Pires, casada com João Anes, pedreiro, vendeu a sua parte do assento em 22 de Outubro de 1563, pela quantia de 5 mil réis. Mais uma vez, o vendedor permitiu que o casal ficasse a morar nessas terras enquanto vivessem, como simples colonos, com condição de lhe pagarem, anualmente, cinco alqueires de pão meado.

João Pires, viúvo de Catarina Anes, vendeu, tal como os seus irmãos, a parte que lhe cabia da legítima de sua mãe a Simão Afonso, em escritura de 9 de Novembro de 1564, pela quantia de 5 mil réis. Ao contrário das outras escrituras de compra deste assento, nesta não há indicação do pagamento de renda ou foro, não se sabendo se ele permaneceu ou não na propriedade.

Outras propriedades foram anexadas a este assento. É o caso da porção de terra que Manuel Gonçalves e sua mulher venderam a Simão Afonso de Faria em 19 de Julho de 1575, cujo registo foi feito nas notas do Tabelião Gaspar Nunes. O mesmo Tabelião registou também a compra de um pedaço do Casal de Pega feita a Amaro Carvalho, em 18 de Fevereiro de 1576. Esta porção do campo levava de semeadura 9 alqueires e meio de semeadura. À semelhança dos outros vendedores, também a este foi dada autorização para que ali ficasse enquanto fosse vivo, mediante o pagamento de uma renda de dez rasas de pão meado.

Em 27 de Fevereiro de 1585, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde tomou posse da metade que lhe cabia do Casal de Pega, como administradora da Capela de Simão Afonso de Faria. Na altura, o caseiro era ainda Gonçalo Pires que declarou ao Tabelião possuir *"prazo fatiuzim"* perpétuo feito por Simão Afonso de Faria e sua mulher Isabel Gomes, com renda anual de vinte medidas de pão.

O primeiro registo que esta Santa Casa fez sobre o pagamento da renda destas propriedades apresenta-se no Livro das Capelas de 1629, a folhas 13 v., referindo a caseira Maria Luís, do lugar de Pega, e seu genro Francisco Gonçalves como titulares das terras e responsáveis pela liquidação anual da renda de vinte rasas de pão meado para a Misericórdia e outro tanto para os herdeiros de Isabel Gomes. Após o falecimento de Francisco Gonçalves, ficaram titulares os seus filhos, Bento Gomes e Manuel Gomes.

A informação seguinte sobre esta propriedade e seus caseiros está inserta no Tombo I das Propriedades Fundiárias desta Santa Casa, a folhas 171 v., e assinala João Enes de Miranda como titular da posse da propriedade.

O Livro das Rendas e Caseiros de 1723, confirma João Enes de Miranda como titular do prazo e Manuel João como caseiro e morador no assento. É este mesmo caseiro que surge como pagante da renda no Livros das Rendas e Caseiros de 1754.

Sendo o título desta propriedade um *"prazo fatiuzim"* perpétuo, não era possível à Misericórdia obrigar os descendentes de Gonçalo Pires a fazerem prazos de vidas, por tal não existe documentação suficiente para se traçar uma sequência completa de caseiros, listando-se apenas aqueles que surgem referidos nos livros dos caseiros e rendas. Ainda assim, em anotações à margem destes registos, vamos percebendo algumas das alterações que a titularidade da propriedade sofreu.

O registo do Livro das Pensões e Caseiros de 1789, cita ainda Manuel João como caseiro do Casal de Pega, no entanto, tal como acima se refere, em nota à margem surgem três nomes que, apesar de não terem data associada, parecem representar a sequência de caseiros após o falecimento de Manuel João. Foram eles: António Francisco Caldeira; José Francisco Caldeira, assinalado no Livro das Rendas e Caseiros de 1869 como caseiro; Manuel Francisco Caldeira, falecido em Janeiro de 1868, e sua mulher Maria Francisca.

No livro acima referido, está registada a notícia da remissão do foro relativo a esta propriedade, feita na Repartição da Fazenda do Distrito do Porto em 26 de Outubro de 1896.

A terceira propriedade da capela com-

[2] O mesmo que Enfiteuse - Contrato de emprazamento, aforamento ou enfiteuse, quando o proprietário de qualquer prédio transfere o seu domínio útil para outra pessoa, obrigando-se esta a pagar-lhe, anualmente, certa pensão determinada, a que se chama foro ou cânon. Dicionário de História de Portugal, Direcção de Joel Serrão.

preendia o Campo do Bormeiral e a Cortinha da Pedra, junto ao caminho que ia de Vila do Conde para Casal do Monte. Simão Afonso de Faria comprou-as a Diogo de Faria pela quantia de 36 mil réis, registada em escritura de 13 de Janeiro de 1569, lavrada nas notas do Tabelião Gaspar Nunes.

Em 27 de Fevereiro de 1585, a Misericórdia tomou posse destas terras, como herdeira dos bens vinculados à capela de Simão Afonso de Faria. Na altura, o caseiro era João Gonçalves, lavrador, genro do *Servante*, e pagava a renda de cinco rasas de milho e duas e meia de trigo ao Frei Francisco de Santiago, administrador da capela.

O primeiro caseiro destas terras a ser registado pela Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde foi Manuel Pires, no Livro das Capelas de 1629. Além dessa informação acrescenta que lhe sucedeu Domingos António e sua mulher Antónia Gomes, ambos moradores na aldeia de Quintela, freguesia de S. Miguel o Anjo do termo de Barcelos, por prazo de vidas feito em 27 de Novembro de 1650, cuja renda e pensão era de cinco rasas de milho e três de centeio. Seguiu-se-lhe o filho, Domingos Fernandes e depois dele sua filha Domingas Fernandes, como se pode ver pela descrição inserta no Tombo I das Propriedades Fundiárias desta Santa Casa de 1711:

"Título dos campos do Bormeiral e cortinha da Pedra que possui Domingos Fernandes viúvo de Quintela da freguesia de Argivai da Capela de Simão Afonso de que paga três alqueires de centeio e cinco alqueires de milho (prazo). O Campo do Bormeiral cercado de parede e valo (…) levará de semeadura seis alqueires de centeio.

Outro Campo chamado da Cortinha de Pedra todo cercado de valo e parede (…) entestando em outra cangosta que vai do Casal do Monte para os arcos das freiras de Santa Clara, levará de semeadura sete alqueires de centeio, metade destes campos (…) pertence a esta Santa Casa…".

A Misericórdia fez renovação do prazo de vidas destas propriedades em 6 de Maio de 1731, lavrado nas notas do tabelião Manuel Sousa Neves, à referida Domingas Fernandes e seu marido, João Francisco Peneirado, estipulando um aumento à renda anterior de uma quarta de milho grosso. A terceira vida deste prazo pertenceu a sua filha, Domingas Francisca, casada com Francisco António, do lugar da Areia. Também estes passaram o título da propriedade para o seu filho José António, casado com Custódia João, que o recebeu como dote de casamento em escritura de 5 de Outubro de 1792, lavrada nas notas do Tabelião do Couto da Apúlia, o Bacharel João da Graça Teixeira.

Após tantas sucessões de caseiros a Mesa Administrativa da Misericórdia deliberou fazer nova renovação do prazo de vidas da Bouça do Bormeiral e da Cortinha de Pedra. Assim, foi lavrado novo título de prazo de vidas em 27 de Junho de 1825, em nome de Domingos Gonçalves e sua mulher Maria Joana, moradores no lugar de Areia, termo de Vila do Conde, com renda anual de cinco rasas e uma quarta de milho grosso e três rasas de centeio. No Livro das Rendas e Caseiros de 1869, há uma nota à margem que informa que, em 1866, o caseiro era Joaquim Gonçalves, das Portas Fronhas, que por sua vez foi substituído em 1894 por seu filho Manuel Gonçalves Ferreira.

Este foro foi remido pelo Licenciado Francisco Leite, da Póvoa de Varzim, no dia 4 de Junho de 1902.

A quarta propriedade vinculada à capela é o Campo do Forno, comprado por Simão Afonso de Faria a Jorge Tomás em 5 de Abril de 1567. Este campo ou cortinha situava-se na rua de Pero Velho, junto a outras propriedades da capela. No Livro das Capelas de 1679, há informação de que a Misericórdia deu licença ao Capitão Martinho Machado Vilas Boas para incorporar este campo no seu quintal, passando a pagar por isso a renda anual de duas rasas de trigo. Este acordo foi registado no *"prazo fatiuzim"* que esta Santa Casa fez ao dito Capitão Martinho Machado Vilas Boas em

Junho de 1665, lavrado nas notas do ofício de João Nunes Preto. Ter-lhe-á sucedido, como caseiro, o Reverendo Vigário Pero Enes Giesteira que, segundo o Livro das Rendas e Caseiros de 1695, o terá vendido a Manuel António Morim por volta do ano de 1709. Acrescenta-se a informação de que a renda anual de duas rasas de trigo estava imposta no campo de fora que servia de horta, conforme se pode ler no Tombo I das Propriedades Fundiárias desta Santa Casa de 1711:

"Título do campo do Forno da Capela de Simão Afonso de que se pagam duas rasas de trigo e o possui o Capitão Manuel Antonio Morim (e sua mulher Maria de Jesus) desta Vila do Conde de que paga duas rasas de trigo. Um Campo chamado do Forno que está cercado por muro excepto da banda do sul (...) que tem junto as casas em que vive a Santa Luzia (…) levará de semeadura dois alqueires de centeio, serve de horta, terra lavradia e tem algumas árvores de fruto e ramadas, a metade deste campo pertence a esta Santa Casa…".

No Livro das Rendas e Caseiros de 1754, a folhas 19, registam-se como caseiros os herdeiros de Manuel António Morim, discriminando, em nota à margem o seu genro Manuel Coelho Duarte, a que se seguiu Gregório Duarte Coelho. Esta propriedade passou, por último, para a posse do Visconde de Azevedo. No Livro das Rendas e Caseiros de 1869, na folha 16, dá-se notícia da remissão deste foro:

"Remio conjuntamente com um fôro de 1.550 rs; com a Inscripção n.º 143:587, no valor de 100$000 rs e um certificado com o n.º 7.738, no valor de 50$000 rs cujos papeis de credito deram entrada nesta Santa Caza em 16 d'abril de 1872".

A quinta e última propriedade vinculada à capela refere-se ao Campo do Sardoal, adquirido por Simão Afonso de Faria a Pero Correia e sua mulher Hilária Ruiz, por escritura lavrada em 10 de Junho de 1567, nas notas do Tabelião Gaspar Nunes. Segundo esta, as casas, assento, campo e pombal estavam cercados de muros de pedra e tinham pertencido a Jorge Ruiz e Joana Nunes, pais da vendedora. O documento localiza esta propriedade como sita no fim da rua de Pero Velho, em frente das casas que ficaram de Bastião Roiz. Confrontavam, do Este com o caminho que ia para Santa Catarina; do Sul com campo que era de Simão Afonso de Faria, chamado o Campo do Forno, que estava no final da rua de Pero Velho; de Norte com campo de João Dinis, Maria de Paz e Pero Enes, genro de Pero Velho. Estas terras foram vendidas pela quantia de 38 mil e 500 réis.

A Santa Casa da Misericórdia tomou posse das terras vinculadas à capela de Simão Afonso de Faria em 27 de Fevereiro de 1585, dada pelo Tabelião Francisco Ruiz. António Pires, viúvo, era o caseiro da propriedade e declarou pagar a renda respetiva a Francisco de Santiago, clérigo de missa, enquanto este fosse vivo.

O Livro das Capelas de 1679, a folhas 40, apresenta uma inscrição que, entre outras informações, refere que este assento, que antigamente se chamava o campo do Sardoal, foi dividido em duas partes, tendo Maria Amadora e seu marido António Gomes Caramujo, herdeiros de Isabel Gomes, ocupado uma dessas partes. Por se terem aproveitado da pedra, telha e madeira das casas e pombal da propriedade, ficaram a pagar a renda anual de seis medidas de pão meado à Santa Casa da Misericórdia. Tudo isto consta de uma escritura lavrada em 8 de Agosto de 1627, nas notas do Tabelião Domingos Ferreira da Silva. Posteriormente, há informação de que esta propriedade estava entregue a Maria Manuel, mulher de Mateus Francisco, mareante, moradores na rua da Bajoca, como herdeira que ficou de Isabel Gomes, pagando a mesma renda que anteriormente pagava Maria Amadora. Acredita-se que na posse deste campo lhes sucedeu Ventura Manuel.

A outra parte da propriedade estava junto à Costeira de Santa Catarina e foi emprazada a Bento Martins, sapateiro, e sua mulher Domingas Gonçalves, moradores na rua da

Misericórdia, no dia 1 de Julho de 1692, com o foro de 600 réis em dinheiro pagos todos os anos por dia de S. Miguel. Segue abaixo transcrição de parte deste documento:

"… e da outra parte bento martins sapateiro e sua mulher domingas gonsalves da mesma todos huns e outros pessoas que eu tabaliam conheço serem os mesmos porque se nomeão e logo pelos ditos Reverendo provedor foi dito que entre os mais bens de Rais que tem a dita Santa Casa da meziricordia de que elles sam senhores administradores bem assim he a metade de hum Campo sito nesta dita Villa na viela que vai pera Santa Catherina que parte do nasente com a dita viela que vai pera Santa catherina e comfronta com o quintal e muro de maria da Silva veuva que fiquou de fransisquo Rodrigues: e do poente com hum campo do dito Reverendo provedor (Pero Enes Giesteira) e do sul com a orta do Lesenseado João Ribeiro da Rocha e do sobredito provedor e do norte com Campo da mesma Santa Casa que tras Manoel gomes de pega cujo campo he a metade he de ventura Manoel morador na sidade de Lisboa e esta todo hunido e cerquado sobre si e por isso senão poem a medissam por varas da coal ametade do Campo asim e da maneira que a posue a dita Santa Casa estavam contratados por ser por utilidade para a Casa e esmola que fazem ao dito bento martins e a sua mulher de ho emprazarem e delle lhe fazerem prazo fatuizim com … e penssam e foro serrado de em cada hum anno emcoanto o mundo durar de o dito bento martins e sua mulher filhos e erdeiros e desendentes lhe pagar a dita Santa Casa todos os Annos seis razas de milho digo seis tostois…"

A informação seguinte sobre esta propriedade está no Tombo I das Propriedades Fundiárias desta Santa Casa, a folhas 136, e refere o seguinte:

"Título do campo do Sardoal sito na Costeira de Santa Catarina desta Vila do Conde que possui Manuel Pinto Monteiro que pertence à Capela de Simão Afonso de que pagam seiscentos réis (…) cercado de parede ao redor (…) levará de semeadura três alqueires de centeio, metade deste campo pertence a esta Santa Casa (…)".

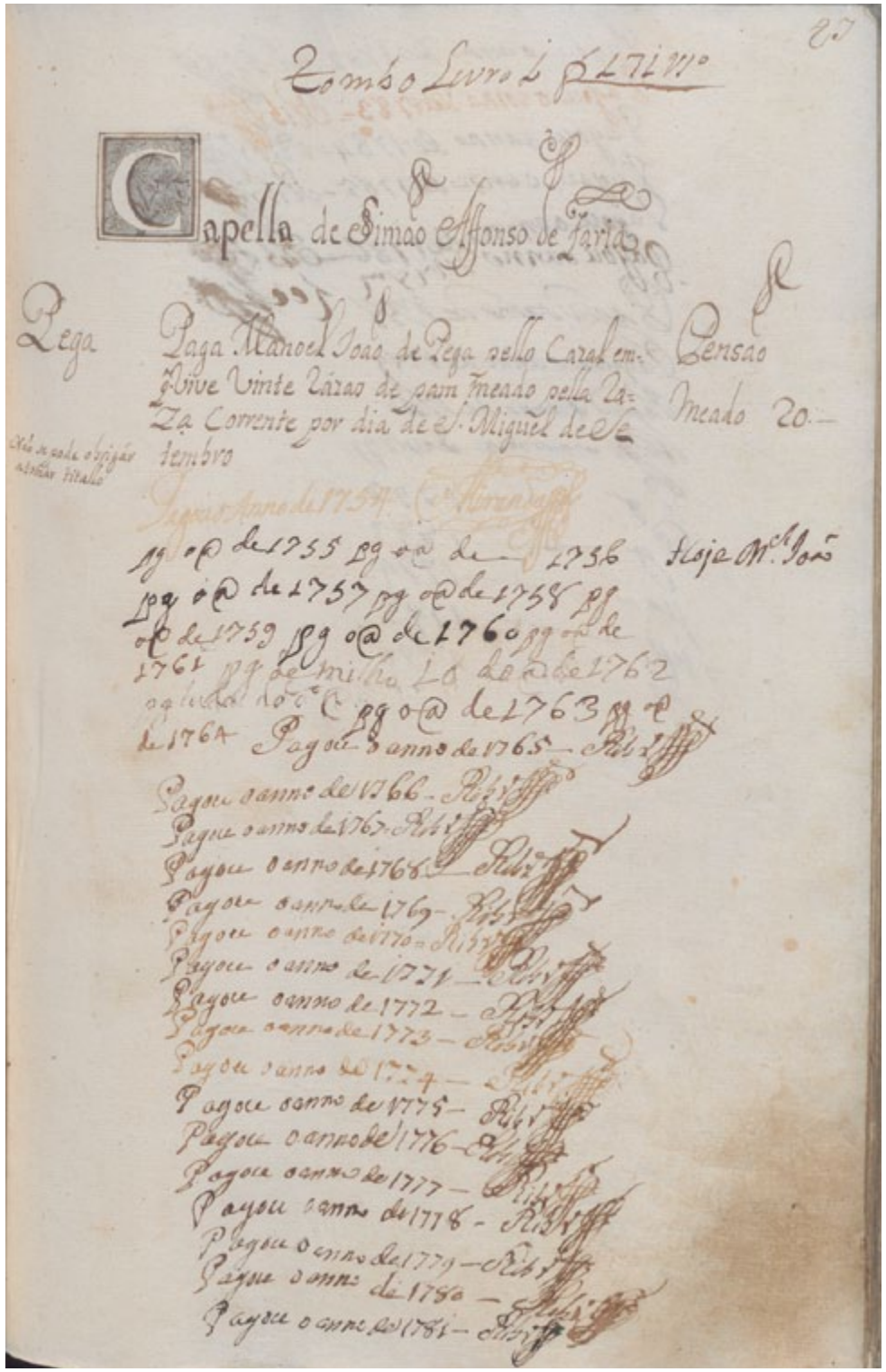
Esta informação está também confirmada no Livro das Rendas e Caseiros de 1695, acrescentando que a Manuel Pinto Monteiro sucedeu Manuel da Guerra Leal.

No Livro dos Foros a dinheiro de 1788, informa-se que quem pagava o foro eram os herdeiros do Dr. Francisco Sousa Guerra. Em nota à margem desta inscrição acrescenta-se que lhes sucedeu Victoriano de Sousa Guerra. Por escritura de 9 de Abril de 1841, tomou posse deste foro Maria Filomena d'Ordaz Mascarenhas, moradora na cidade de Lisboa.

Esta propriedade foi, já no século XX, anexada a outra do Capitão José Machado de Barros e, segundo informação do Livro das Contas Correntes dos Foros de 1921, quem pagava o seu foro era o Colégio de S. José. O livro seguinte de contas corrente registou o pagamento deste foro até 1974, altura em que terminaram estas imposições. Foi também deste modo que se extinguiu o último vínculo da capela instituída por Simão Afonso de Faria, durando uns impressionantes 397 anos. Durante os quase quatro séculos de existência desta capela, a Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde tudo fez pela boa administração das suas propriedades e pelo cumprimento rigoroso das disposições do benfeitor.

Simão Afonso de Faria, à semelhança de muitos outros benfeitores, legou parte dos seus bens terrenos a esta Instituição, nela confiando para que, através dos rendimentos que as suas propriedades gerassem, se mantivesse a celebração de missas pela sua alma e, com o remanescente, se auxiliassem os pobres e enfermos de Vila do Conde. Este e outros legados dos nossos beneméritos têm possibilitado e facilitado o cumprimento das catorze Obras de Misericórdia, princípios basilares de toda a ação assistencial e caritativa da Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde.

Liliana Aires


Capella de Simão Affonso de Faria

Pega

Paga Manoel João de Pega pello Casal em que vive vinte razas de pam meado pella raza corrente por dia de S. Miguel de Setembro

Pensão meado 20.—

Hoje Mel. João

Livro das Rendas e Caseiros, 1754, folha 47

A FORÇA DO MAR - UMA LEITURA DE *OS PESCADORES*

«Quando regresso do mar venho sempre estonteado e cheio de luz que me trespassa. Tomo então apontamentos rápidos – seis linhas – um tipo – uma paisagem. Foi assim que coligi este livro, juntando-lhe algumas páginas de memórias.»
(…)

Basta pegar num velho búzio para se perceber distintamente a grande **voz do mar**. Criou-se com ele e guardou-a para sempre.
- Eu também nunca mais a esqueci…»[1]

Assim nos esclarece Raul Brandão, numa espécie de Prólogo, sobre a origem do seu livro **OS PESCADORES**. Podemos, portanto, afirmar que se trata de uma obra resultante da *"Voz do Mar"* de Matosinhos, que o embalou desde o seu nascimento. *"Voz"* que ele nunca mais esqueceu. *"Voz"* que o leva a dedicar esta obra «À memória de [seu] avô morto no mar»"[2]. «Obra de um neto de lobos do mar, obra de um filho de pescador para pescadores»[3].

Não poderemos concluir que se trata de uma criação literária resultante de *"A Força do Mar"*?

Como diz António Capão, no seu estudo preliminar, «*Os Pescadores* são um livro apaixonante para todos, mas principalmente para aqueles que vivem a existência das gentes da beira-mar.»[4]

Um breve parêntesis de carácter pessoal: como pessoa que nasceu, cresceu e ainda vive nesse recanto do litoral, onde se ergue a figura bicentenária do *Cego do Maio*, olhando de um modo infinitamente ousado aquele mar, que, roubador de companheiros, o transformou em perene herói pela valentia com que o enfrentava, não poderia manter-me indiferente à sua poderosa voz.

Cego do Maio, estátua de pedra, mas nela palpita o amor destemido pelos "outros", a audácia inaudita contra o "perigo", o apreço pelas vidas "sem preço"…

Muito perto, Fernando Pessoa, outra estátua, cuja brancura resultante da complexidade das diversas cores nos sugere a unidade dos diversos "eus" fernandinos.

Quer dizer, o branco fernandino simboliza a união dos diferentes "eus" de Pessoa, poeta multifacetado.

Tanto o Cego do Maio como Fernando Pessoa nos remetem para o Mar. Cego do Maio "salvando" vidas, Fernando Pessoa "alimentando" vidas. Não é verdade que nos sentimos com uma "alma" mais portuguesa ao bebermos o *"Mar Salgado"* e com um espírito mais forte ao vibrarmos com a *"Ode Marítima"*?

E com Raul Brandão, como nos sentiremos ao ler OS PESCADORES - «esse livro admirável de luz e sombras, numa série de quadros deslumbrantes?»[5]

Com Raul Brandão, «neto de lobos do mar», «filho de pescador», repito, viajamos através do litoral português, conhecemos as suas gentes e trabalhos com destaque para a *mulher*, que nos aparece aí «Na enorme dimensão trágica da mulher portuguesa.»[6]

Quer dizer, também eu ouço a *Voz do Mar*, também eu sinto *A FORÇA DO MAR*.

[1] Raul Brandão, *Os Pescadores*, Paisagem Editora, Lda, Porto, 1982, p. 25.
[2] Idem, ibidem, p. 21.
[3] Idem, ibidem, *Notícia Preambular* (estudo de António Capão), p. XI.
[4] Idem, ibidem, ibidem, p. V..
[5] Manuel Mendes, *Sobre a provável origem do estilo de Raul Brandão*, in RAUL BRANDÃO - Homenagem no seu Centenário, Edição do Círculo de Arte e Recreio / Guimarães, Março de 1967, p. 76.
[6] Op. cit. em 3, p. XI..

Vou tentar descobri-la na "voz" de Raul Brandão, sob o poder mágico do "ar salgado".

Logo no primeiro capítulo *FOZ DO DOURO*, o Autor relembra o desaparecimento do avô, a quem dedica a obra: «Meu avô materno partiu um dia no seu lugre, minha avó Margarida esperou-o desde os vinte anos até à morte, desde os cabelos loiros que lhe chegavam aos pés até aos cabelos brancos com que foi para o túmulo.»[7] Bela imagem da duração da vida da Avó, através da metaforização da cor dos seus cabelos.

Raul Brandão vive intensamente a vida dos pescadores. «Está alguém fora da barra?» e a noite trágica em que supõe ouvir gritos nunca mais acaba. (…) «A voz cresce (…) aumenta num clamor cada vez mais alto, chamando de novo por mim.»[8] Tudo tem para Raul Brandão uma vida extraordinária: o rio; o cabedelo, que lhe causa terror; o profundo mar que lhe levou alguns dos seus «e que de quando em quando os mata à [sua] vista»[9]. E é tal a força destas recordações que Raul Brandão confessa: «Os meus mortos estão cada vez mais vivos» e «a minha convivência é com fantasmas»[10]. E a terminar: «Este cheiro a alcatrão vou levá-lo comigo para a cova; esta paisagem – mar, rio e céu – entranhou-se-me na alma, não como paisagem, mas como sentimento.»[11]

O último apontamento deste capítulo inicial "Foz do Douro" é fruto de *UMA IDA AO MAR* do Autor. Mostra bem a FORÇA DO MAR: «Se fecho os olhos sinto esta mão áspera e enorme que me leva na noite húmida e cerrada. Não vejo o mar, mas envolve-me e penetra o hálito salgado e ouço-lhe ao longe o clamor. (…) De noite apaga-se o mundo e só esta voz enche o mundo…»[12]. Esta VOZ - a "*Voz do Mar*".

Raul Brandão, no capítulo seguinte, *"De Caminha à Póvoa"*, ao chegar ao pinheiral de Moledo, fica aí «perdido de sonho». «São nove horas. O azul entontece (…) tudo isto se me afigura uma larga concha azul, formada pelo mar azul e pelo céu azul» (..) «… a amplidão do azul é infinita (…). Não posso. Por mais que queira não posso arredar-me daqui, com a cabeça estonteada. Fico.»[13]

A chegada a Esposende, à «feia Esposende», é assim descrita: «Logo adiante o areal africano da feia Esposende, terra da beira-mar, de onde não consigo ver o mar, terra de tristes pescadores.»[14] Feia, por estas razões - ausência da vista do mar e tristeza dos pescadores? - interrogo-me.

E agora permitam-me que transcreva a chegada à Póvoa:

«Já me aproximo outra vez do mar. Sinto-o, vejo-o. Um rasgão no panorama e lá está o azul vivo, o azul esplêndido. Respiro-o. Atravessando Aver-o-Mar, estou na Póvoa de Varzim.»[15] Sempre um apontamento sobre o mar – em Esposende, a sua ausência: «não consigo ver o mar»; na Póvoa, a sua presença: «Sinto-o, vejo-o… Respiro-o» - o mar da Póvoa.

O capítulo que se segue, intitulado *"Pequenas Notas"* mostra que Raul Brandão tinha a visão pictórica das coisas, quer dizer, «ele era um pintor a escrever, sendo pinturas escritas algumas das suas páginas».[16]

[7] Op. cit. em 1, *Foz do Douro*, p. 28.
[8] Idem, ibidem, p. 32.
[9] Idem, ibidem, p. 33.
[10] Idem, ibidem.
[11] Idem, ibidem.
[12] Idem, ibidem, *Ida ao Mar*, p. 35.
[13] Idem, ibidem, de *Caminha a Póvoa*, p. 45.
[14] Idem, ibidem, p. 49.
[15] Idem, ibidem, p. 50.
[16] Op. cit. em 3, Carlos Carneiro, p. 30.

Vou deter-me nos subtítulos dessas *"Pequenas Notas"*.

PORES DO SOL - «Se eu fosse pintor passava a minha vida a pintar o pôr do sol à beira-mar. Fazia cem telas todas variadas, com tintas novas e imprevistas. É um espectáculo extraordinário.»[17]

O NEVOEIRO – Depois de "pintar" diversos tipos de névoas, diz: «Outras têm léguas de extensão e levam dias a passar. E o mar exala um cheiro mais vivo quando o nevoeiro parece dissolver-se, para logo voltar mais denso e compacto.»[18]

Belo exemplo de sinestesia – os sentidos da visão, olfacto e tacto são impressionados pelo nevoeiro, originando páginas de "telas admiráveis", "quadros deslumbrantes". É como diz Hernani Cidade, referindo-se às descrições brandonianas: «(…) que uma pena transformada em pincel converteu em aguarelas.»[19]

PARAMOS – subtítulo surpreendente destas *PEQUENAS NOTAS*.

Onde "paramos" com Raul Brandão? Onde nos conduz, agora, o escritor-pintor?

À carreira de tiro de Esmoriz, onde «não via o mar, mas sentia-o no peito dilatado.»[20]. Raul Brandão quando não vê o mar, sente-o sempre. E descreve-nos um espectáculo extraordinário: o lavrador larga o arado, dirige-se para o mar com as juntas de bois para ajudar a alar a grande rede. É «um espectáculo extraordinário», de que saliento «campos lavradios, com milho rasteiro que sabe a ar salgado.»[21]

Não posso deixar de assinalar a originalidade desta imagem, baseada no chamado interseccionismo – cruzamento ou até sobreposição de dois planos diferentes – o terrestre (campos com milho) e o marítimo (ar salgado), largamente utilizado por Pessoa, por exemplo, em *Chuva Oblíqua*. [22]

Realmente, só os poetas são dotados deste poder criativo, inovador. Só eles penetram no lado oculto das coisas, descobrindo-lhes a essência e o mistério.

E chegamos à última *PEQUENA NOTA – NO CABEDELO*.

Raul Brandão evoca «uma das coisas boas da terra» - «os melhores banhos» aí tomados, «deitados na areia, deixando vir sobre nós a vaga num rodilhão de algas e espuma.»[23]

«E outro prazer simples e extraordinário é ir descalço pelo grande areal fora com os pés na água.»

Depois de considerar as várias cores e formas das ondas, destaca as que viu em Mira, ao pôr do sol, ficando o «areal todo ensanguentado (…) cor de vinho nos lagares.»

No capítulo intitulado **A Pesca da Sardinha**, eis como Raul Brandão refere a sua apanha. «É uma onda de prata que sai da tinta azul.»[24] Duas metáforas originando uma imagem de forte visualismo.

«Onda que sai» - põe em relevo o movimento; «da tinta azul» - a cor do mar.

Mas não é só o sentido da visão que é impressionado pela pesca da sardinha, mas também o olfacto: «cheira a algas e a mar vivo.»[25] E agora o efeito do mar sobre o poeta:

[17] Op. cit. em 1, p. 57.
[18] Idem, ibidem, *Pequenas Notas, "O Nevoeiro"*, p. 59.
[19] Hernani Cidade, *Duas Palavras*, in Raul Brandão - Homenagem ao Centenário, Edição do Círculo de Arte e Recreio, Guimarães, Março de 1967, p. 55.
[20] Op. cit. em 1, *Paramos*, p. 62.
[21] Idem, ibidem.
[22] Fernando Pessoa, *Chuva Oblíqua*, in Obra Poética, Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galloz, Rio de Janeiro, GB, Companhia Aguilar Editora, 1905, pp. 113-117.
[23] Ob. cit em 1, *No Cabedelo*, p.63.
[24] Idem, ibidem, *A Pesca da Sardinha*, p. 67.
[25] Idem, ibidem.

«Impregna-me e trespassa-me. Deixa-me sal nos beiços.»[26]

Do capítulo **A RIA DE AVEIRO**[27] destaco esta passagem:

«Há 3 dias que ando metido na ria fora de toda a realidade.» Parece-lhe que vive «num país estranho – amplidão, água e sonho».

E novamente o *azul* - «estonteado, encharcado de azul, cheio de sol e de luz, esqueci o passado e esqueci o presente.» Raul Brandão, embriagado do *azul* da ria, dá-nos em frases anafóricas a definição da *vida*, naquele momento:

«A vida *é* navegar na ria (…)

É dormir no barco (…)

É sair desta amplidão para a descoberta do charco (…)

É assistir à transformação das águas e navegar à vela ao pé das casas e no interior das casas.»

Não posso deixar de assinalar novamente o exemplo pessoano de interseccionismo - «navegar à vela ao pé das casas e no interior das casas», isto é, o cruzamento entre o plano marítimo e o plano terrestre. «Raul Brandão foi um precursor das soluções ou tentativas mais actuais da expressão literária», como diz Mário Dionísio.[28]

4 horas da tarde

Reparemos na descrição da ria a esta hora e depois da barra: «É neste ponto que a ria desvanecida se imaterializa e atinge a perfeição suprema.»

Segue-se uma descrição com cromatismos simbólicos, oscilando entre o *roxo* (das salinas até à serra) e o *azul*: «Azul, azul vivo, azul que a luz trespassa e estremece, azul que não tem limites.»[29]

A reduplicação reiterativa de *azul* é completada pelo adjectivo vivo e por orações relativas restritivas que caracterizam esse azul, que trespassado pela luz se torna ilimitado. É o caminho para o irreal, o sonho, a ponto de o Autor dizer: «Aqui, a matéria não existe. (…) O que há é *azul* a jorros, uma vasta amplidão indistinta como num sonho.»

E novamente o interseccionismo: «Distingo árvores, mas as árvores são traços de cor diluída e nascem na água»[30] - cruzamento, melhor, sobreposição de dois planos diferentes: o terreno e o aquático.

OS SÍTIOS IGNORADOS – os que têm mais encanto para Raul Brandão.

Mas nesses sítios, onde a água encharca, essa água é *cismática*, «embebida no céu», origina ao Poeta uma interrogação bem pessoana: «Água esquecida ou pedaço de céu translúcido?...»[31] Dois planos diferentes que se assimilam.

O azul é realmente uma cor simbólica. «Um borrão azul empoçado» que se «entranha na terra, infiltra-se no subsolo, reaparece em fios e charcos.»

E agora a classificação do Poeta pensador: «É inesperado e imprevisto. Não se sabe onde vai ter.», seguida de nova interrogação: «Estou na terra ou na água?»[32]

E, novamente, exemplos de interseccionismo: «tufos de *árvores* rasteiras desdobram-se na *água* negra e profunda.» E logo a seguir: «os ramos finos das *árvores* desenhando-se fio a fio, à pena, na *água* adormecida.»

No trecho a seguir encontramos

[26] Idem, ibidem.
[27] Idem, ibidem, *A Ria de Aveiro*, pp. 76-78-79.
[28] Op. cit. em 3, Mário Dionísio, *Actualidade de Raul Brandão*, p. 83.
[29] Op. cit. em 1, *Ria de Aveiro* - 4 horas da tarde, p. 79.
[30] Idem, ibidem.
[31] Op. cit. em 1, *Ria de Aveiro - Os Sítios ignorados*, p. 80.
[32] Op. cit. em 1, *Ria de Aveiro - Os Sítios ignorados*, p. 81.

uma descrição que nos remete para o poema "Paúis" ou "Impressões do Crepúsculo" com que Fernando Pessoa inicia a sua fase paúlica.[33]

Eis as expressões brandonianas: «Lodo emaranhado», «Silêncio e luz», «Água imóvel» - predomínio de frases nominativas, isto é, sem verbo, acentuando o imobilismo, já anteriormente anunciado pela «água adormecida».

E nem falta a hora do ocaso, como em "Paúis": «(…) e, por fim, ao cair da tarde, a agonia dolorosa da luz», como se se tratasse de um ser humano: «só aqui se compreende bem o que a luz lhe custa morrer…»[34]

E na última nota da ria, de 1 de Agosto, metido num barco, deslizando ao sabor da água, e olhando à tona da água, para os «mil reflexos – luz bebida – luz esquecida – luz parada», medita sobre a vida: «se a vida corresse sempre assim, para o mar eterno». Impossível não nos lembrarmos de Ricardo Reis – Reis apolíneo e normativo.[35]

Dos **PALHEIROS DE MIRA** destaco o seguinte parágrafo onde se vê a influência do MAR em Raul Brandão, a ponto de querer "desaparecer" no mar, isto é, fazer parte do mar, integrar-se nele. Não pode haver maior identificação com o mar. Não será isto *A FORÇA DO MAR*?: «O grande areal indeciso desmaia. Ao sul o cabo escurece… Amplidão embaciada, frescura e mar, onde apetece a gente mergulhar, entranhar-se, morrer e dissolver-se…».[36] O mesmo anseio marca a produção poética de alguns dos nossos melhores escritores. Impressionada com essa coincidência, permitam-me que proceda a um breve "desvio circular", tão frequente na prosa de Agustina.

António Nobre, de quem Raul Brandão disse: «Ser diferente dos outros é já uma desgraça; ser superior aos outros é uma desgraça muito maior»[37], pede no seu poema autobiográfico ANTÓNIO

«Quando eu morrer, hirto de mágoa,
Deitem-me ao Mar!»
«Irei indo de frágua em frágua,
Até que, enfim, desfeito em água
Hei-de fazer parte do Mar!»[38]

JOSÉ RÉGIO também quer morrer no mar, mas de um modo diferente – num abraço eterno com ele.

«Quando eu morrer afogado,
(Que eu quero morrer no mar!)
Hei-de vir à flor das vagas,
E boiar,
Até ficar encalhado
Entre espumas, algas, fragas…»[39]

GOMES DE AMORIM, nosso conterrâneo, nuns versos de *Cantos Matutinos*, ao referir-se hiperbolicamente à ousadia de seu pai atravessando os oceanos, salienta o desejo deste de também morrer no mar:

«Meu pae, o marinheiro
De quem o mar tremia;
[…]
Cem vezes naufragou, cem vezes salvo,
Aos restos dos navios abraçado,
Lutando com o genio das procellas
A navegar tornava,
E a naufrágios novos!
Por fim nas vagas, como desejava,
Achou sepulchro temeroso, immenso!»[40]

[33] Fernando Pessoa, "*Impressões do Crepúsculo" (Cancioneiro)*, in Obra Poética, Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galloz, Rio de Janeiro, GB, Companhia Aguilar Editora, 1905, p. 108.
[34] Op. cit. em 1. *Ria de Aveiro - Os Sítios Ignorados*, p. 82.
[35] Ricardo Reis, *Odes*, "Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio", Obras completas de Fernando Pessoa, Edições Ática, 1983, pp. 23-24.
[36] Op. cit. em 1, *Palheiros de Mira*, p. 95.
[37] Op. cit. em 1, Sagres, p. 204.
[38] António Nobre, "António" - *SÓ*, in *Poesia Completa*, 1867-1900, 1ª edição, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000, p. 171.
[39] José Régio, "Nocturno", in *As Encruzilhadas de Deus*, Portugália Editora, 1970, 6ª edição, p. 23, vv. 8-13.
[40] Francisco Gomes de Amorim, "Fantazia" - Na boca do Amazonas em 1848, III, in *Cantos Matutinos*, 1.ª edição, Lisboa, Typographia Progresso, 1858, pp. 265-266.

E sendo eu poveira, não posso deixar de evocar o sentido desejo de Nobre, expresso no soneto "Poveirinhos! Meus velhos Pescadores!"

«Ó meu Pai, não ser eu dos poveirinhos!
Não seres tu, para eu o ser, poveiro,
Mailo Irmão do «Senhor de Matosinhos»![41]

Após esta "digressão", aliás justificada por "*A FORÇA DO MAR*", regressemos a *OS PESCADORES*.

No capítulo *MULHERES*, o Autor põe em destaque as de Ílhavo - «passam por as mais lindas, pelo sorriso que encanta, pelo olhar e pela magia que exalam.» E, lançando mão de um recurso bem queirosiano – o discurso indirecto livre - diz: «Que o agradeçam à ria.»

Uma vez mais, exalta a luz: «a luz é o grande agente da beleza», no seu entender. Impõe-se a seguinte transcrição: «A ria tem uma luz como nunca vi em parte nenhuma. (…) As mulheres desenvolvem neste ambiente uma alma serena e respondem ao sorriso da luz com um sorriso de ternura. (…) Esta luz inteligente sabe muito bem que a arte é o encanto da vida e a mulher a suprema criação da arte.»[42]

Mas A FORÇA DO MAR vê-a, melhor, sente-a constantemente o pescador que tem de «ir ao mar, único campo que lavra, ainda que arrisque a vida.»[43]

E Raul Brandão remata a narrativa desta noite trágica, a «noite que não tem fim» com a palavra de religiosa esperança: «Nas mãos de Deus! Nas mãos de Deus!»

Quer dizer, a força do «tempo no mar alto»[44] só será vencida pelo poder divino.

Mulheres como a "Rata", que o Autor conheceu na Foz, são vítimas da "FORÇA DO MAR" – são mulheres de quem se diz «O mar levou-lhos todos».[45]

LUZ E COR – é a segunda "Pequena Nota" acerca do *mar*, sob os efeitos destes dois elementos, dependentes «do céu, da hora e das marés». Assim, o mar é comparado a um «véu diáfano» e a «pó verde», com um «azul transparente» ou «cobalto».

Às vezes, é *céu* ou *confusão* e *cólera*.

E quanto à hora: «De manhã desvanece-se, de tarde sonha.»

O mar, para o autor de *Os Pescadores* é uma fonte de poesia. Agora, depois da "última cortina" de nevoeiro, aparece-lhe todo verde. «Diferentes verdes bóiam na água, esbranquiçados, transparentes, escuros, quase negros.» (…) «E ainda outros azulados, com a cor das podridões.»

Resultado desta comutação das cores: com o verde julga-se «metido dentro duma esmeralda», com o azul, «numa jóia esplêndida, dum azul único que se incendeia.»[46]

AVES – é a última "Pequena Nota" em que o Autor revela o seu interesse pelas "galhetas" com as suas «vozes baixinhas e agourentas de bruxedo», comparando-as a «senhoras vizinhas [que] conversam de pouso para pouso.» E, no final: «É noite – calou-se tudo, menos o mar, que fala sempre.»[47]

A MORTE DO ARRAIS. Artigo em que ecoa «aquela voz colérica (…) que engrossa e mete medo.» Voz que o Autor ouve desde pequeno (ou não tivesse ele nascido «na freguesia da Foz do Douro, filho de um casal modesto de pescadores»), voz que «aca-

[41] António Nobre, "Soneto 8", in *SÓ*, op. cit. em 38, p. 19.
[42] Op. cit. em 1, *Mulheres*, p. 107.
[43] Idem, ibidem, p. 109.
[44] Idem, ibidem, p. 110.
[45] Idem, ibidem, p. 111.
[46] Op. cit. em 1, *Pequenas Notas - Luz e Cor*, p. 115.
[47] Op. cit. em 1, *Pequenas Notas - Aves*, p. 117.

ba sempre na mesma nota profunda -- u – u – u» (onomatopeia que, tal como outrora, ainda hoje «entra pelas almas dentro»[48] e continua a «meter medo.»

Seguem-se frases que mostram A FORÇA DO MAR.

«É uma noite de tempestade, de tragédia, de morte…»

«Mas o mar e o céu exigem tragédias» - intervém o narrador, com voz ominosa.

«Na barra as ondas avançam cada vez mais altas e mais cerradas. (…) Varrem a costa, despedaçam-se nas pedras». (…) E a voz imensa deste marulhar de água agitada sobe cada vez mais alto e enche todo o espaço dum clamor que mete medo – u – u – u…»[49]

No dia seguinte, o arrais foi encontrado morto, com as mãos crispadas, bem agarrado ao leme.

Do capítulo **ALGUNS TIPOS** destaco apenas o final dessa caracterização. E remata o estudo destes TIPOS com uma figura inolvidável: «um tipo sem nome», que veio ao mundo para *remar*. Curvo de agarrar o remo e palmas como cortiça, semelhantes a pedra de amolar onde afia a navalha. «Não sabe exprimir-se e mal nos conseguimos entender. Mas (…) olha para mim – e só lhe leio nos olhos ingenuidade e ternura…»

A figura de um homem absolutamente dominado pela *FORÇA DO MAR* - «Sua missão no mundo é remar.»[50]

AS BERLENGAS exercem uma grande atracção sobre o Autor: «Quero olhar para as Berlengas de mais perto. Desde que as vi fiquei cismático.»

E termina este apontamento, referindo novamente «no fundo do horizonte sempre aquelas três nuvens pousadas sobre o mar, chamando por mim. Atraem-me e fascinam-me.»

Mas, primeiro, vai ao Baleal - «a mais linda praia da terra portuguesa.»[51]

E uma vez mais, o *azul*: «saindo do mar azul a escorrer azul.» E mais adiante: «Vive-se extasiado e embebido em azul, no meio do mar azul, no meio do mar verde, no meio do mar dramático.»[52]

Mas a FORÇA DO MAR também se faz sentir contra a penedia: a acção contínua do mar contra «as velhas pedras carcomidas», originando «penedos com baba», «ossadas pulverulentas», «petrificação da própria vaga», algumas «amareladas como caveiras (ambiente tétrico, de putrefação), «praiazinhas enconchadas (…) onde até o mar se esquece e espraia adormecido» (o mar, como as pessoas, esquece-se da sua acção e adormece).[53]

Atraído, desde pequeno, pelas «ilhas misteriosas e desertas» dos seus sonhos, passa «três dias deitado numa pedra a namorar o recorte delicado das Berlengas.» Por fim, mete-se num barco e depois de remar três horas vê a Berlenga Grande, os Farilhões e Santa Catarina. Desembarca, com assombro. Finalmente está nas Berlengas. Senta-se no planalto e olha. «Olho não é bem – trespasso-me de cor, de luz, de amplidão.» Uma vez mais «O que existe e domina é o azul do céu e o azul do mar. Bebo-o.» Também Luísa Dacosta bebia o mar a colherinhas: «Bebo-o a colherinhas de olhos / na taça da manhã.»[54]

O poeta vagueia uns dias ao vento falando só. E justifica: «Viver aqui é viver em pleno céu. É ser nuvem e mar, é ser azul.»

[48] Op. cit. em 1, *A Morte do Arrais*, p. 119.
[49] Idem, ibidem, pp. 122-123.
[50] Op. cit. em 1, *Alguns tipos*, p. 134.
[51] Op. cit. em 1, *As Berlengas*, p. 137.
[52] Idem, ibidem, pp. 137-138.
[53] Idem, ibidem, *As Berlengas*, p. 138.
[54] Luísa Dacosta, *A Maresia e o Sargaço dos Dias*, "Mar", Edições Asa, Obras Completas, 2002, p. 15.

Tudo é um «sonho fundido em azul, para lá do mar (…) até ao infinito.» «Do outro lado (…) fica o mar eterno.»[55]

Tal como Álvaro de Campos que, nas suas duas maiores *Odes*, quer ser tudo, também Raul Brandão transfigura-se em "nuvem, mar, azul".

Curioso o diálogo entre o Autor, elogiando a beleza daquela «praia misteriosa e solitária» e o velho faroleiro que, desesperado de ver e ouvir aquele mar, endoidecerá se não o mudam de lugar. Apenas quer «fugir! Fugir para muito longe, para onde não oiça o mar, para onde não veja o mar!»[56]

Aqui vemos a FORÇA DO MAR no seu sentido negativo.

No capítulo **NAZARÉ,** Raul Brandão assiste, às 7 horas, ao pôr do sol e refere-se à «névoa da baixa-mar, que é o hálito puro das águas.»[57] O mar continua a fornecer-lhe belas personificações metafóricas.

A MULHER é a "alma" desta terra da Nazaré - os homens obedecem-lhe, é ela que de noite os vai chamar, de porta em porta, quando «está marzinho.»[58] Uma vez mais a *FORÇA DO MAR*, mas através da mulher que leva uma vida de "besta de carga", mas de uma «beleza da verdade e da vida trágica dos que cumprem a existência e só caem esfarrapados e exaustos.»[59] E Raul Brandão vai ao ponto de nacionalizar o poder da mulher: «Tive sempre a ideia que quem manda em todo o país é a mulher.»

O SÍTIO -- «É uma aldeia branca e deserta. (…) O silêncio duma povoação abandonada.»

Os homens foram todos para a pesca do bacalhau (de Maio a Dezembro) e levam com eles a enxerga. Resultado: a mulher dorme no chão com os filhos e não muda de roupa. Coisa estranha!...[60] Desta vez é a *FORÇA DO MAR* da pesca do bacalhau que levou para lá mais de 300 homens!

SARDINHA! SARDINHA!

A duplicação deste nome sugere a sua abundância, explicitada no período inicial deste texto: «O que se arranca ao mar só em sardinha é prodigioso.»[61]

A propósito da abundância da sardinha e da sua exploração, Raul Brandão desabafa, numa linguagem metafórica: «É uma febre. São montanhas de prata que o mar produz. (…) Tenho impressão de que o mar é compacto, só sardinha – sardinha – e sardinha. Estou farto.»[62]

No capítulo **OLHÃO**, tal como em *Sardinha! Sardinha!* o Mar aparece como "Fonte de Alimento": «Há meio século, Olhão (…) vivia só de mar. (…) Os que não eram marítimos eram filhos ou netos de marinheiros.»[63]

Raul Brandão, recorrendo a um presente iterativo diz: «É no cais que eu *assisto* todos os dias ao espectáculo da chegada dos barcos e que vejo os peixes, as redes e o leilão.»

Ao lado do cais, os armazéns de salga. *Entro.*

E é ainda no cais que «eu *anoto* os nomes das diferentes redes e dos diferentes peixes. (…) Tudo vem ter ao cais – peixes do rio (…) e do mar.» (…) Já *cheiro* a peixe e a

[55] Op. cit. em 1, *As Berlengas*, pp. 141-142.
[56] Idem, ibidem, p.147.
[57] Idem, ibidem, p. 150.
[58] Idem, ibidem, *A Mulher*, p. 156.
[59] Idem, ibidem, pp. 158-159.
[60] Idem, ibidem, *O Sítio*, p. 160.
[61] Idem, ibidem, *Sardinha! Sardinha!*, p. 171.
[62] Idem, ibidem, p. 173.
[63] Idem, ibidem, *Olhão*, p. 176.

salmoura e *não me canso*.»[64]

Mais uma vez a *FORÇA DO MAR* – Raul Brandão confessa-se impregnado do cheiro do peixe.

Mas acima do poder do Mar está o poder de Deus: «Em nome de Deus e do altar esta rede ao mar» - diz o Mestre com voz solene, ao fazer, pela manhã o último lanço – "o lanço da sorte".[65]

É de notar o sentido religioso e fónico, fazendo rimar *mar* com *altar*.

No penúltimo capítulo **A PESCA DO ATUM**, no subtítulo *Tavira*, Raul Brandão fala novamente de *Olhão:* «Que saudades eu tenho, nesta terra neurasténica, da fedorenta Olhão!»[66]

E o poder da saudade é de tal ordem transformador que deparamos com o seguinte desabafo: «De Olhão até o mau cheiro me cheira agora bem.»

Perspicaz, Raul Brandão encontra a seguinte justificação: «Tavira é uma terra de montanheiros, Olhão é uma terra de pescadores. O pescador é comunista e alegre, o montanhês desconfiado e triste. No mar não há marcos…»

Tavira é um grande centro de pesca do atum, mas surpreendentemente desapareceu. Raul Brandão vai vê-lo a Sagres.

Agora Raul Brandão contempla a "baíazinha" que «acorda com tintas tão vivas que apetece pintá-la.» Aqui temos o escritor que queria ter sido pintor. Não é verdade que as suas páginas são verdadeiras telas?

Agora é a "névoa" que impressiona o Autor. Uma névoa que nunca viu e que «empoeira de azul o mar azul.» Sempre o azul e a luz.[67]

Aqui, o mar como fonte de inspiração.

Segue-se um apontamento sobre o Mar como fonte de rendimento. Após o copejo, o atum vai para Vila Real – para ser vendido nas lotas – e para as fábricas.

Este capítulo conclui com o preço de um atum, naquela época – 500 mil reis, antigo preço de uma quinta com casa apalaçada.[68]

Estamos no último capítulo de *Os Pescadores* – **SAGRES**. Não posso deixar de chamar a atenção para o modo como o Autor se refere ao mar – um companheiro de *sempre*, que lhe provoca uma mistura de sensações – gustativas, olfactivas e visuais – uma bela sinestesia. «Ao longe, e sempre, acompanha-me o mar, que mistura o seu hálito e esta luz vivíssima.»[69]

Detém-se, agora, na praia da Rocha, que qualifica de «cenográfica», sentindo-se «extasiado nos dois grandes penedos destacados e num fio de areia doirada ao pé da água azul» - o doirado e o azul. Ao longe, «o esfumado Lagos». *Esfumado*, entrevendo-se mal, remete-nos para cinzento. Não posso deixar de citar o livro de Vasco Rosa, «Cinzento e Dourado».[70]

O promontório de Sagres é metaforicamente descrito: «é um punho nodoso, com dois dedos estendidos para o mar – a ponta de S. Vicente e a ponta de Sagres.» Dedos, que «nos dias sem sol, parecem de ferro» - uma comparação extraída do reino mineral, pondo em relevo a sua dureza, intransigência e poder de submissão.

O mar sugere-lhe duas ideias de certo modo contraditórias, mas complementares: «imensidão sem limites» - em frente; mas

[64] Idem, ibidem, pp. 183-185.
[65] Idem, ibidem, p. 190.
[66] Idem, ibidem, p. 194.
[67] Idem, ibidem, *Ponta da Baleeira*, p. 196.
[68] Idem, ibidem, p. 200.
[69] Idem, Ibidem, *Sagres*, p. 201.
[70] Vasco Rosa, "*Cinzento e Dourado - Raul Brandão em foco nos 150 anos do seu nascimento*", Imprensa Nacional, Lisboa, 2017.

"abismo", em baixo. Quer dizer: o mar como *imensidão* e *tragédia*.

Este livro dedicado aos *Pescadores* encerra com uma reflexão sobre *Sagres*:

«Sagres é o cabo do mundo» e «Grande sítio para ser devorado por uma ideia.»

"Cabo do mundo", porque se encontra numa «grande extensão deserta, pardacenta e encapelada, (…) vasto ossário abandonado onde as pedras são caveiras (…) e «ao lado a gigantesca ponta de S. Vicente, só negrume e sombra.»

«Grande sítio para ser devorado por uma ideia!». Daí dever chamar-se «Sagres ou ideia fixa.» O vulto do Infante surge-lhe cercado e apertado por uma «solidão de ferro», a ponto de se transformar em pedra, não ouvindo ninguém.

«Só o sonho.» E «Pelo sonho é que vamos» diz Sebastião da Gama.

Os seus dedos apontam para as Índias e para o Brasil. Consequentemente: «Lágrimas, orfandades, mortes.» Não posso deixar de citar aqui "Mar Português" de Fernando Pessoa.

Segue-se uma proposição adversativa, constituída por uma série de metonímias: «Mas o homem de pedra está diante deste infinito amargo e só vê o sonho que o devora.»[71]

Rodeado pela imensidão, não se contenta com a terra, «habitação dada por Deus.» Tem que realizar o seu sonho - «levar os portugueses a povoar terras ermas, por tantos perigos de mar, de fome e de sede.» É uma ideia que se apoderou de todo o seu ser. Quer dizer: «Um pensamento e o ermo.» - proposição elíptica, nominal, constituída apenas por dois substantivos com uma relação de consequência / causa. Aquele sítio é «óptimo para forjar uma alma à luz do céu ou do inferno.»[72]

O último parágrafo da obra mostra bem a influência do meio sobre o sujeito: «É a realidade que nos mata. Este panorama é na verdade trágico.» Dia e noite – ventania, mar agitado. Mas Raul Brandão, poeta da prosa, ouve, sem cessar, «o *lamento* eterno da ventania e das águas. E os cabos, que são de ferro e escorrem *sangue*, obstinam-se em apontar o seu destino de dor a esta terra de pescadores.»[73]

Final constituído por hipálages ou personificações, da área da poesia; final que nos remete para o título da obra – "*Os Pescadores*", pelo que podemos dizer que se trata de um livro circular ou redondo.

Quer dizer, o MAR fonte inesgotável de inspiração literária, artística. E termino com uma grata referência a uma mostra fotográfica intitulada "legendar o mar", de um meu ex-aluno, Rui Sousa[74], especialista em fotografia, outra forma de expressão de *A FORÇA DO MAR*.

FIM

Maria da Conceição Nogueira

[71] Op. cit. em 1, *Sagres*, p. 204.
[72] Idem, ibidem, p. 205.
[73] Idem, ibidem.
[74] Rui Sousa, "*Legendar o mar, mostra fotográfica*", (Biblioteca Municipal Rocha Peixoto), Empresa do Diário do Minho, Fevereiro 2017, Edição apoiada pelo Município da Póvoa de Varzim.

ATIVIDADES DOS EQUIPAMENTOS SOCIAIS

Lar de Terceira Idade

CARNAVAL
DIA 12 DE FEVEREIRO DE 2018

No Carnaval do Lar de Terceira Idade não faltou animação e alegria! Na sala de convívio realizámos um desfile de mascarados onde os concorrentes eram os colaboradores e o Júri, claro está, os nossos utentes, que tinham a tarefa árdua de decidir qual o vencedor. Com a música a tocar, os concorrentes desfilaram ao mesmo tempo que se lançavam confettis e serpentinas. Apurado o vencedor (fantasia de chinesa), chegou a vez dos utentes mostrarem também as suas máscaras (elaboradas na atividade "Trabalhos Manuais") desfilando igualmente pela sala ao som da música. A atividade terminou com a realização de um baile, envolvendo assim todos os presentes, o que foi bastante divertido.

Utente D. Lúcia Costa:
"Gosto muito do Carnaval, foi muito giro ver as funcionárias mascaradas… e eu também tinha uma máscara, foi mesmo engraçado!"

Colaboradores e utentes entraram na festa

PÁSCOA
21 DE MARÇO DE 2018

A "Páscoa" é uma das festividades de maior importância para os utentes devido à sua componente religiosa. Anualmente, o Lar de Terceira Idade comemora esta data através da realização de uma Celebração Eucarística e almoço especial. A Eucaristia é presidida pelo Sr. Prior Padre Paulo César, onde alguns utentes também participam ativamente na realização do ofertório. Depois da Eucaristia, todos os presentes (utentes, colaboradores, convidados, Sr. Provedor e Sra. D. Laura Maia…), são encaminhados ao almoço que é marcado, essencialmente, por momentos de confraternização.

Utente D. Maria José Carvalho:
"Para mim a Páscoa é sempre uma festa especial. Gosto muito de rezar, de ir à missa e ter participado no ofertório foi muito bom para mim!"

Momento do Ofertório na Celebração Eucarística

DIA DA FAMÍLIA
12 DE MAIO DE 2018

No dia 12 de Maio o Lar de Terceira Idade comemorou o "Dia da Família". Esta atividade é dedicada sobretudo aos utentes e seus familiares. Nessa tarde, o auditório do Centro ficou repleto para assistir a mais uma atuação do grupo de teatro "TACCO" (Teatro Amador do Círculo Católico de Operários) através da representação de uma peça cómica intitulada de "A Mansão", proporcionando assim a todos uma tarde divertida. Após a representação teatral, seguiu-se o bolo e o lanche ajantarado que terminou em ambiente de festa e descontração.

Não podemos deixar de parabenizar o Grupo de Teatro "TACCO" por mais uma excelente atuação e agradecer toda a disponibilidade e simpatia, pois tornaram este dia ainda mais especial.

Utente D. Rosa Mota:
"Gostei muito do teatro. É bom para nós utentes haver atividades assim e com a presença da família ainda melhor!"

"TACCO" deu entertenimento a utentes e familiares

29º ANIVERSÁRIO DO LAR
1 DE JUNHO DE 2018

Para a comemoração de mais um Aniversário do Centro, o Sr. Provedor foi convidado a cantar os parabéns e soprar as velas em conjunto com os utentes e colaboradores. A presente atividade permitiu assim algum convívio entre os presentes e foi um momento de alegria e de confraternização entre todos.

Utente D. Leonor Graça:
"Gostei muito de ter assistido aos parabéns, gosto muito do Sr. Provedor e espero que o Lar faça muitos anos, é uma boa casa!"

Sr. Provedor espalha a alegria no aniversário do Lar

CASCATA DE S.JOÃO
16 DE JUNHO DE 2018

Foi no sábado (dia 16 de Junho) que o Lar de Terceira Idade inaugurou mais uma "Cascata de S. João", integrando assim o roteiro das cascatas Sanjoaninas da cidade.

Na presença dos utentes, colaboradores, familiares, Sra. D. Laura Maia, Dra. Elisa Ferraz e comunidade em geral, foi um momento marcante para todos e de grande orgulho!

Um agradecimento especial a todos os colaboradores pelo empenho e dedicação em mais uma cascata de S. João!

Utente D. Araci Magalhães:
"Em Vila do Conde,
Há cascatas pela cidade
Desde a Praça até ao Monte
Sem esquecer o Lar de Terceira Idade"

Tânia Carvalhal

Cascata de S. João do Lar da Terceira Idade

Centro de Apoio e Reabilitação para Pessoas com Deficiência

Janeiro

Encerramento da "Aldeia de Natal – Touguilândia": com abertura em dezembro até ao Dia de Reis Magos, a "Aldeia de Natal" encantou os 1700 visitantes. Aventuras divertidas sem fim maravilharam os visitantes com a magia do verdadeiro Natal. Partiram felizes com a promessa de voltar e nós prometemos mais novidades para a próxima edição. Foi fantástico!

Animação na Aldeia de Natal

Dia da Magia: A magia encanta miúdos e graúdos. Neste dia tivemos o privilégio da presença de um mágico profissional, o André, que deixou a todos de boca aberta com os seus truques sem fim… e sem explicação! "Como é que ele fez aquilo?", questionavam todos. A tarde passou a correr e ficou a memória de mais uma atividade com sinal mais!

Os nossos mágicos

Fevereiro

Dia de Carnaval: O dia de carnaval é preparado pelos utentes com muito entusiasmo; todas as salas de CAO participaram no concurso interno de máscaras – "A dança das máscaras" – e o resultado foi um sucesso! O desfile das máscaras foi espetacular, assim como a alegria dos utentes. O júri ficou com os "olhos em bico" sem saber qual máscara eleger.

Viu-se todo o tipo de máscaras no desfile

Dia de São Valentim: Hoje, os nossos pares de namorados foram brindados com um lanche temático, preparado com todo o requinte e circunstância. Os sorrisos envergonhados e os olhares marotos retratavam a valorização e felicidade que sentiam. Sem dúvida, este foi um dia mágico… para mais tarde recordar!

Um mimo para os namorados

Março

Dia Internacional da Mulher: Sabendo da importância da Mulher na nossa sociedade, nas nossas famílias e no nosso Centro – uma vez que a maior parte dos cuidadores são Mulheres – fizemos uma homenagem devida às Mulheres. Os Homens esmeraram-se mimando as Mulheres com "miminhos" merecidos. Obrigado a todas as Mulheres com "sinal mais" que fazem a diferença nos pequenos e grandes feitos.

Via Sacra ao Vivo "Despertar Esperança": Esta atividade tem cada vez mais impacto na comunidade; rapidamente os bilhetes esgotaram para encher o Teatro Municipal de Vila do Conde; também, pela primeira vez, fomos convidados a representar esta Via Sacra no Auditório *Vita* de Braga, inserido nas comemorações da Semana Santa de Braga. Os assistentes ficaram maravilhados, agraciando os nossos atores com longos aplausos de pé.

Momento emocionante entre os atores

Braga teve oportunidade de conhecer este grande elenco

Abril

Dia Europeu da Segurança Rodoviária: A Segurança Rodoviária é coisa séria! Por isso, com a ajuda dos Programas Especiais da GNR tivemos um dia dedicado ao tema: dois militares da GNR fizeram-nos uma ação de sensibilização sobre o tema e em seguida montámos um circuito onde, a brincar, mostrámos que aprendemos todas as regras. Foi muito divertido e prático!

Utentes aprenderam a importância da Segurança Rodoviária

Gincana da Saúde: Os profissionais das áreas de enfermagem, terapia ocupacional, terapia da fala, nutrição, serviço social, psicologia, cuidados pessoais e acompanhamento psicossocial e espiritual montaram uma gincana, tendo os utentes passado por todas as bancas. Em cada posto puderam questionar e experienciar todas as dimensões de uma forma holística. Foi um dia extraordinário, muito valorizado pelos utentes.

Uma maneira diferente de aprender sobre a saúde

Maio

Espetáculo "Um Outro Olhar": Este espetáculo, realizado no Teatro Municipal de Vila do Conde, é muito apreciado pelos nossos utentes. Este ano levámos ao palco uma peça original, "dar asas ao ambiente", que teve como objetivo sensibilizar a comunidade para a preservação ambiental. O objetivo foi plenamente alcançado, pois a nossa peça e atuação colheram rasgados elogios de todos os presentes, com uma ovação em pé.

Auditoria Externa: O sistema da qualidade implementado no Centro, já desde 2013, está cada vez mais consolidado, com ganhos evidentes quer para os utentes, quer para os profissionais. Este mês tivemos a renovação da certificação do nosso Centro, pelo referencial *Equass* 2018. Este processo tem promovido a coesão de energias para a concretização do mesmo projeto. Obrigado a toda a equipa, pelos esforços de cada dia.

Junho – Destaques:

Dia Mundial do Ambiente: A preservação ambiental é um dos valores assumidos pela nossa Instituição. É uma urgência e deve ser um compromisso de todos. Neste sentido, neste dia tão significativo, o nosso Centro apresentou o projeto "Lixo com Vida", que visa sensibilizar para os cuidados com o ambiente e dar passos concretos nesse sentido, nomeadamente recolher lixo, para o transformar em vida, ou seja, comprar camas elétricas para aumentar o conforto dos nossos utentes. Todos estão entusiasmados.

Campeonato Nacional Troféu Prof. João Pardal: pela terceira vez, a nossa equipa de futsal ultrapassou diversas fases/ eliminatórias até atingir a fase final, em Lisboa! Foi um longo caminho e um feito extraordinário dos nossos atletas e treinador, que colocaram a nossa equipa entre as 8 melhores equipas nacionais. Parabéns, campeões, pela persistência, empenho e espírito de equipa.

A nossa equipa de futsal e treinador

NOTA:

Estas atividades, e tantíssimas outras, só foram possíveis graças ao empenho e capacidade de superação diária dos nossos colaboradores, que não se cansam de oferecer aos utentes um cuidado humanizado e uma vida feliz. Obrigado pelo vosso profissionalismo inigualável.

Sérgio Pinto

Casa da Criança

Depois de uma pausa para renovar energias, celebrando-se o natal e o novo ano, esperamos um excelente ano 2018. A Casa da Criança, que se orienta pela Qualidade e Excelência dos seus serviços, pretende um envolvimento cada vez maior de toda a comunidade educativa e, em particular, das estruturas pedagógicas em todas as áreas da vida escolar. É nosso objetivo transformar cada momento em aprendizagem cumprindo o Plano de Atividade delineado no início do ano letivo. O Centro está empenhado em promover ações que contribuam para elevar o nível de qualidade da formação das nossas crianças, através do empenho e envolvimento de todos os colaboradores e encarregados de educação. Para tal, realizaram-se no 1º semestre de 2018, diversas atividades:

No dia 9 de Fevereiro, realizámos um baile de mascarados. As crianças adoram mascarar-se de personagens que admiram, as façam rir ou as tornem mais poderosas. Neste dia o Centro fica diferente e até os colaboradores gostam de se mascarar e participar na festa. É tão bom voltarmos a ser crianças!

Diversidade entre os nossos mascarados

O dia dos namorados ou de S. Valentim é uma data especial porque se celebra a união entre casais e namorados, mas é também o dia de demonstrar ternura e amizade entre amigos...oferecer um doce a alguém, também é uma forma de mostrar afeto e partilha. Neste dia, as crianças prepararam algumas guloseimas para distribuir entre si e para os seus familiares.

Perante esta oferta, o difícil é escolher

No âmbito da campanha nacional de consciencialização para a prevenção dos maus-tratos na infância, que decorre anualmente no mês de abril, a Santa Casa da Misericordia de Vila do Conde aliou-se à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ), assinalando esta data. A Casa da Criança divulgou e consciencializou as pessoas para um tema tão sonante como os Maus-Tratos em Crianças e Jovens. Foram realizadas ações de sensibilização às crianças e jovens a fim de os alertar para a problemática, os seus direitos/deveres e ainda despertar a consciencialização da existência de uma rede de apoio e de suporte que os pode auxiliar caso se deparem com uma eventual situação de Maus-Tratos. Todas estas ações/atividades desenvolvidas apresentaram-se de elevada relevância e funcionaram como um sentimento de alerta de uma maior consciencialização de

todos nós para a prevenção dos maus tratos infantis no qual todos os pequenos gestos podem fazer a diferença. Eis algumas das mensagens dos utentes da Casa da Criança, relativamente a este tema:

"Diga não à violência. As crianças têm direito a ser felizes e não sofrer."
Margarida Félix, 10 anos

*"Amor não é bater
Cuidar não é abandonar
Proteger não é humilhar."*
Sara Pinto, 15 anos

"Não devemos fazer mal às crianças, pois elas são o nosso futuro. Protejam as crianças."
Gonçalo Neves, 10 anos

Laço azul humano da Casa da Criança

O avanço tecnológico propiciou o surgimento de certas redes sociais que, se não forem usadas com cuidado, podem-se virar contra os nossos filhos. Uma das questões que mais preocupam os pais é a exposição dos filhos às redes sociais na adolescência. Porque este tema é muito importante nos dias de hoje, a Casa da Criança realizou uma ação de sensibilização com o tema "O perigo das redes socias", com a presença de agentes da PSP de Vila do Conde. As crianças e jovens presentes, tiveram a possibilidade de, junto destes agentes da autoridade, esclarecer as suas dúvidas e ouvir conselhos que os irão ajudar a proteger de eventuais perigos que as redes sociais expõem.

"A Ação de sensibilização foi muito boa, pois deu-me a conhecer cuidados a ter com o uso das redes sociais."
Maria Inês Gavina, 11 anos

"Na ação de sensibilização foram explicadas coisas de que eu já tinha conhecimento, mas é sempre bom aprender mais um pouco."
Leonor Vidal, 12 anos

"Eu gostei desta formação, pois aprendi sobre o perigo das redes sociais e como devemos agir perante isso."
Lara Morim, 11 anos

Agentes da PSP expõem os riscos das redes sociais

Na exposição do tema do projeto educativo da Casa da Criança do ano letivo 2017/2018 "Natureza, uma amiga a preservar", foram expostos trabalhos elaborados em contexto familiar pelos encarregados de educação/familiares e as crianças na entrada do centro. A Creche realizou trabalhos sobre animais da quinta, o Jardim de Infância sobre animais selvagens e os CATL´s sobre animais aquáticos e em extinção. Esta exposição teve como objetivo promover o respeito e cuidado pela natureza, consciencializar para a importância da preservação do meio ambiente e sensibilizar para a adoção de atitudes verdes e um estilo de vida ecológico.

Exposição com vários trabalhos do projeto

Finalmente, o dia tão esperado por todas as crianças chegou…o Dia Mundial da Criança. À semelhança do ano letivo anterior, o Centro decidiu associar este dia ao dia da Família e desta forma possibilitar que as crianças se divertissem na companhia do pai, mãe ou outro ente querido que fosse referência na sua vida. A tarde foi repleta de bons momentos, com aula de hip-hop, ginástica, a presença do palhaço Totó e para finalizar, um lanche recheado de coisas boas…

"Foi um dia fantástico"
Gonçalo Ribeiro, 6 anos

"Foi muito fixe. O que gostei mais foi o palhaço Totó"
Lia Costa, 6 anos

Palhaçadas no Dia Mundial da Criança

Diversão para míudos e graúdos

Centro Social em Macieira

A magia do Natal ainda esteve presente nos primeiros dias do ano e ninguém quis deixar passar a oportunidade de visitar a Aldeia Natal. Como habitualmente acontece, o CARPD abriu as suas portas para receber as crianças e deliciá-las com histórias, animais, brincadeiras e guloseimas.

Guloseimas, cortesia do CARPD

No dia aberto cada sala recebeu os pais dos seus meninos durante todo o dia. Houve oportunidade para brincar, pintar, colar, plantar, ver fotografias e trabalhos feitos pelas crianças. Este é um dia muito apreciado pelas crianças, que se deliciam com a presença dos seus familiares, querendo sempre mostrar tudo o que podem fazer na sua sala.

Atividades no dia aberto aos pais

A convite da Escola EB1 de Macieira da Maia, as crianças do Jardim de Infância participaram no Desfile de Carnaval. Nos dias que antecederam o desfile todos se empenharam na preparação dos fatos. As ruas de Macieira encheram-se de belas árvores e corujinhas, muito animadas e folionas.

Árvores e corujas foram os temas nas vestes de Carnaval

Celebrámos o Dia da Saúde com uma animada aula de *zumba kids*, orientada pela professora Rita. Ainda houve tempo para ver um filme alusivo à vida saudável e saborear um delicioso lanche.

Exercício físico faz bem à saúde

"Na Páscoa a sala do CATL foi ao Mundo em Festa. Nós fizemos o seguinte: andámos no labirinto, visitámos o Mosteiro de Leça do Balio, andámos de slide, andámos no trampolim, andámos em realidade virtual, vimos robôs e comemos um gelado, que era um Epá. Nós fizemos isto ao longo do dia e depois à tarde viemos embora para o Centro. Esse dia foi muito fixe!"

Carolina Magalhães, 3.º ano.

Conhecer o património do nosso país

Porque a nossa missão também é proteger, durante o mês de Abril juntámo-nos a outras entidades e voltámos a nossa atenção para a prevenção dos maus-tratos na infância. De acordo com cada faixa etária desenvolveram-se atividades que de uma forma lúdica transmitiram informações e conhecimentos às crianças. Realizaram-se colagens, desenhos, jogos, visualizaram-se vídeos e dialogou-se bastante acerca dos maus-tratos e dos direitos das crianças. Também os pais e encarregados de educação foram envolvidos, participando na criação de um laço azul humano com as crianças e colaboradores.

Laço azul humano do Centro Social em Macieira

Pulseiras azuis representam a causa

Porque os colaboradores estão sempre a pensar em novas formas de dinamizar o dia a dia no Centro, sem esquecer de transmitir conhecimentos e empoderar as crianças, reuniram-se em formação e delinearam algumas atividades. A primeira já foi realizada e as crianças adoraram. Em sala cada grupo pode "escolher o seu ritmo" (*hip hop*, *ballet*, *zumba kids* ou folclore) e na aula de educação física dançar ao som preferido. Uma atividade para repetir com certeza!

Aula de educação física com ritmo

No Dia da Família preparámos uma surpresa para pais e crianças, convidando-os a assistir à "História da família História". Todos se divertiram, aproveitando o bom tempo e os espaços do Centro. Seguiram depois para um lanche convívio, criando assim um ambiente de encontro, partilha e interação.

"História da família História" animou o Dia da Família

O Dia da Criança chegou e com ele muita diversão, fantasia e brincadeira. Os colaboradores puseram mãos à obra e apresentaram um teatro de fantoches que a todos encantou. A diversão continuou e não faltaram os insufláveis para delícia dos mais pequenos, porque as crianças são o melhor do mundo.

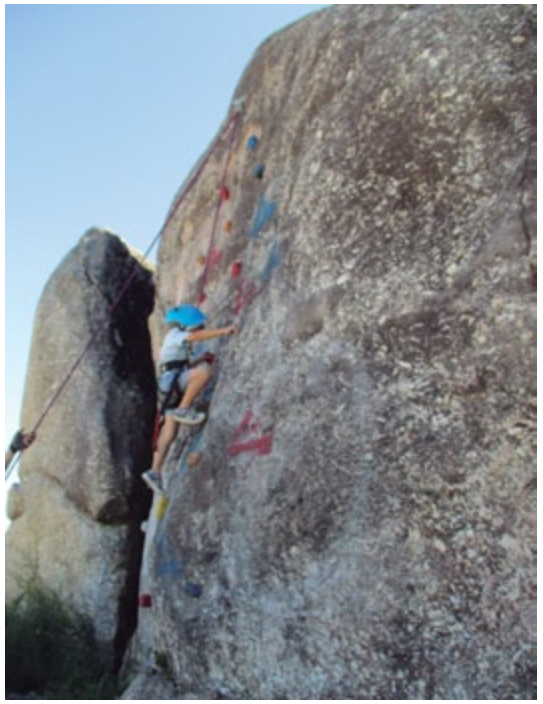
Teatro de fantoches

Sem esquecer o tema do nosso Projeto Educativo "Natureza: uma amiga a preservar", celebrámos o Dia do Ambiente. Todos se vestiram a rigor para lembrar que o ambiente precisa de ser cuidado.

Todos vestidos para celebrar o Dia do Ambiente

"O Passeio de Finalistas foi uma experiência muito positiva de convívio entre famílias, equipa e crianças. Um dia de atividades radicais, diversão e brincadeira. Todos tiveram oportunidade de visitar a maternidade dos animais, andar a cavalo e terminaram o dia com insufláveis e pinturas faciais."

Ed. Joana Silva



Atividades radicais como escalada

Ana Paula Loureiro

Centro Rainha Dona Leonor

A Prática de Atividade Física no Centro Rainha Dona Leonor

A Santa Casa da Misericórdia de Vila do Conde – (SCMVC) tem várias áreas de intervenção, os seus equipamentos e serviços são direcionados para uma resposta social positiva, tendo a capacidade de abranger diversas populações "alvo", tais como: deficiência, infância / juventude e terceira idade. No âmbito da terceira idade, o Centro Dona Rainha Leonor, coloca à disposição dos seus residentes um vasto conjunto de serviços, proporcionando uma boa qualidade de vida.

Um dos serviços que desempenha um papel fundamental no bem-estar do residente está relacionado com a prática de atividades físicas, recreativas e de lazer. São realizadas sessões de treino com a frequência de duas vezes por semana, mais concretamente às segundas e quintas-feiras.

A atividade física recreativa adaptada possibilita a participação e integração de pessoas que não conseguem fazê-lo em modelo normal. Consiste na adequação ou adaptação das atividades a fim de atender ao público em questão. Assim sendo, esta prática é capaz de ir ao encontro da necessidade de cada pessoa, ninguém é excluído do hábito saudável proporcionado pela prática regular de atividade física. Como tal, nas sessões de treino são utilizados materiais desportivos adaptados à população, sendo eles: bastões, halteres, elásticos funcionais e bolas. As tarefas propostas têm como objetivo manter, promover e recuperar funções orgânicas e musculares; existe uma sistematização de exercícios, que respeita as limitações e potencializa as capacidades. A prática de atividade física beneficia a qualidade de vida dos residentes, no que respeita a vários vetores; eis os principais: motor, cognitivo, humor e memória.

O idoso ativo é feliz e saudável, as sessões de treino promovem a vertente física (ativa), mas nunca é descuidado o convívio, o ambiente de harmonia e de afeto que é fundamental em toda e qualquer ação do quotidiano.

Pedro Silva

No primeiro semestre de 2018, levamos a cabo as atividades ocupacionais programadas do nosso Plano anual de atividades, tendo sempre em vista a promoção do equilíbrio biopsicossocial dos nossos residentes. Com a colaboração de todos os colaboradores do Centro tentamos ir ao encontro de todas as necessidades e gostos dos que aqui escolheram para viver. Tendo por base as necessidades e gostos dos nossos residentes, foram introduzidos dois novos atelieres no nosso plano de atividades: o atelier religioso com a realização da hora do terço uma vez por semana, e o atelier bem-estar com a realização de sessões de relaxamento semanalmente.

Mês de Fevereiro

Sendo assim, e respeitando o calendário, começámos com o mês da cor e da alegria, com um baile de máscaras para celebrarmos o **Carnaval**, onde se põem em prática as técnicas de motricidade fina que promove a funcionalidade motora em que aliamos a diversão, o convívio e a técnica.

Ainda neste mês festejámos o **Dia dos Namorados**, com um jantar premiado com bolo de chocolate.

Na vertente de lazer, efetuámos um passeio ao **Mosteiro de Tibães**, Braga, pertencente à outrora ordem religiosa beneditina e hoje classificado como Imóvel de Interesse Público. A visita foi deveras interessante, em que nos foi relatada uma breve história deste Mosteiro e dos mosteiros a ele ligados da mesma ordem religiosa.

Passeio ao Mosteiro de Tibães

Mês de Março

Em março, homenageámos as mulheres num dia que se comemora uma data que surgiu pela primeira vez a 19 de março de 1911 na Áustria, Dinamarca, Alemanha e Suíça em que os objetivos são recordar as conquistas das mulheres e a luta contra o preconceito racial, sexual, político, cultural, linguístico e económico. Foi em 1977 que foi proclamado o dia 8 de março como **Dia Internacional da Mulher**, breve história que não devemos esquecer. Neste dia oferecemos a todas as mulheres um vaso que foi elaborado pelas residentes que participam no atelier de saberes.

Atelier de saberes elaborou vasos para as mulheres

Ainda em março, não poderíamos deixar passar sem homenagear todos os Pais nesse dia tão especial, que é o **Dia do Pai**.

Mês de Abril

Entrámos em Abril a celebrar a **Páscoa**, como vem sendo habitual. O Centro Rainha Dona Leonor promoveu uma Celebração Eucarística com a participação e colaboração de todos os residentes. Eucaristia celebrada pelo Rev. Prior de Vila do Conde Padre Paulo César e pelo Sr. Padre José Gonçalves. Realizou-se em seguida um almoço, que contou com a presença de todos os nossos residentes e do nosso ilustre provedor, Exmo. Sr. Eng. Arlindo Maia e outros ilustres convidados.

Celebração Eucarística Pascal

Dia mundial do livro foi comemorado a 19 de Abril, com um salutar convívio em que os residentes puseram mãos às obras literárias e brindaram-nos com um recital com autores e poetas como Alice Herz-Sommer, Alexandre Herculano, Stephen Zweig, João Villaret e Sophia de Mello Breyner Andersen.

Mês de Maio

Neste mês tão especial para o mundo cristão, dedicámo-lo a Nossa Senhora, com a realização da reza do terço, no novo Atelier religioso.

O **Dia da Mãe** nunca por cá esquecido, foi trabalhado no Atelier de Saberes, em que presenteámos as mães com um pequeno terço (uma dezena).

Continua a ser uma aposta ganha a comemoração do **Dia da Família**, em que a família é convidada a participar num prolongar das relações afetivas, tão benéficas para todos os que escolheram viver nesta Instituição. Assinalámos este dia com uma aula de ginástica, jogos lúdicos e contámos com a presença da Tuna Dinossénior que nos alegrou com a sua atuação. Finalizámos a tarde com um saboroso lanche.

Tuna Dinossénior animou o Dia da Família

Mês de Junho

Chegámos ao mês dos **Santos Populares** e com eles alegrámos as nossas vidas com manjericos e martelinhos, dando mais destaque ao nosso padroeiro S. João com uma pequena cascata em sua homenagem. As colaboradoras do Centro festejaram o S. João com sardinhas e muita alegria num ambiente descontraído.

Arraial de S. João

Cascata de S. João

Reflexões

Cidade de Vila do Conde
Cheia de cor e beleza
Das praias ao monte
Linda terra portuguesa.
Castelo à beira mar
Belo forte de S. João
Na pousada repousar
Bem-estar e distração.
Santa Clara, monte famoso
Com os seus arcos recordar
Aqueduto Harmonioso
Para sua água levar.
Praça do relógio airosa
Seguindo pela marginal
Alfândega Régia famosa
Mais antiga de Portugal.
Sua linda marina
E sua Nau deslumbrante
Encanta quem se aproxima
Maravilha o caminhante.
Terra de um grande poeta
José Régio era o seu nome
Aqui também viveu Eça
Escritor de grande renome.
E não podemos esquecer
A famosa rendilheira
Para com os seus fios tecer
Rendas de bilros à maneira.
Cidade de Vila do Conde.

D. Maria Alice Amaral

Centro Prof. Doutor Jorge de Azevedo Maia

Janeiro

No início do ano de 2018 fomos ao aeroporto ver os aviões a levantar vôo.

"Gostei muito de ver os aviões. Foi uma experiência que gostava de repetir".

Esmeraldina Neto

Visita ao Aeroporto

Participámos nas provas de Natação, inseridas nas competições da ANDDI e obtivemos excelentes resultados, com diversos utentes a ocuparem o primeiro lugar do pódio.

"Adoro nadar e vou treinar para ser cada vez melhor".

Rúben Moreira

Ruben a nadar bruços

Fevereiro

Em Fevereiro, como é habitual, celebrámos o Carnaval com muita animação. É um momento sempre divertido em que os nossos utentes aproveitam para dar uso à sua imaginação no que ao disfarce diz respeito.

"Para mim o Carnaval era todo o ano".

Jorge Pereira

O Carnaval animou o nosso Centro

Neste mês, vivenciámos uma atividade diferente do habitual, denominada de "Janzu", que é uma atividade aquática de relaxamento.

"Gostei da experiência. Foi diferente e relaxante."

Solange Ferreira

Atividade na piscina

Março

Durante o mês de Março, efetuámos várias visitas a diferentes parques da cidade. Visitámos o parque do nosso concelho e disfrutámos dos espaços verdes existentes.

"Gostei muito de passear no parque com o Francisco".

Fernanda Félix

Parque da cidade João Paulo II

Visitámos também o Parque de Nossa Senhora das Dores na Trofa e experimentámos as diversas máquinas de exercício físico aí existentes.

"Gostei de tudo. Do parque e de fazer exercício nas máquinas".

Maria Joaquina Santos

Parque N.ª Sr.ª das Dores

Abril

Ao longo do mês de Abril, visitámos as instalações da fábrica Nelo, onde é construída a maioria das canoas que competem nas diferentes provas nacionais e internacionais de canoagem. Foi-nos explicado todo o processo de construção das canoas, até aos pormenores finais.

"Gostei muito de conhecer a fábrica e ver como as canoas são feitas".

André Oliveira

Visita à fábrica Nelo

Efetuámos uma visita ao estádio do Rio Ave FC, com uma passagem pela sala de imprensa muito divertida, assim como assistimos ao treino da equipa principal e partilhámos alguns momentos com os jogadores e equipa técnica. Foram muito simpáticos.

"Gostei sobretudo de estar com os jogadores no final do treino".

António Carvalho

Momento de convívio com os jogadores do Rio Ave FC

Maio

O mês de Maio foi orientado para a realização da Procissão de Velas que teve o seu início nas instalações do nosso Centro. Com a colaboração de todos elaborámos um tapete de flores por onde o andor de Nossa Senhora de Fátima deu os primeiros passos. De salientar a colaboração e participação de todos – utentes, colaboradores e comunidade – formámos uma equipa perfeita.

"Gostei muito de me vestir de Nossa Senhora e gostei do ambiente de Procissão de Velas".

Patrícia Gomes

Tapete de flores

Patrícia vestida de Nossa Senhora

Junho

Em Junho, visitámos as festividades do Senhor de Matosinhos, onde tivemos oportunidade de conhecer um espaço muito agradável e divertido.

"Foi muito porreiro ver aqueles carrosséis todos. Gostava de ir lá outra vez".

Rui Sousa

Passeio no Senhor de Matosinhos

Participámos numa atividade experimental de canoagem, em Amarante, dinamizada pela ANDDI. Para muitos de nós foi a primeira vez que contactámos com esta modalidade nestas condições.

"Gostei muito de participar nesta atividade no rio".

Francisco Leal

Prova de canoagem em Amarante

Cumprindo a tradição, nas festividades em honra de S. João, visitámos as cascatas que dão cor e vida à nossa cidade. Mais uma vez superaram as expectativas e continuam a surpreender-nos.

"Eu gosto muito de ver as cascatas, sobretudo com os bonecos na praia".

Henrique Cerqueira

Cascatas de S. João

CENTRO DE REABILITAÇÃO
PROF. DR. JORGE DE AZEVEDO MAIA
Fajozes